



Pablo de Carvalho

Catracas púrpuras

Catracas púrpuras

Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministra da Cultura

Ana de Hollanda

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES – FUNARTE

Presidente

Antonio Grassi

Diretora Executiva

Myriam Lewin

Diretora do Centro de Programas Integrados

Ana Claudia Souza

Gerente de Edições

Oswaldo Carvalho

Pablo de Carvalho

Catracas púrpuras

Copyright©Pablo de Carvalho
Todos os direitos reservados

Fundação Nacional de Artes – Funarte
Rua da Imprensa, 16 – Centro – Cep: 20030-120
Rio de Janeiro – RJ – Tel.: (21) 2279-8071
livraria@funarte.gov.br – funarte.gov.br

*Coordenação da Bolsa Funarte
de Criação Literária*
Ana Vasconcelos

Edição
Oswaldo Carvalho

Produção Editorial
Jaqueline Lavor Ronca

Produção Gráfica
João Carlos Guimarães

Produção Executiva
Suelen Teixeira

Projeto Gráfico
Fernanda Lemos
Gilvan Francisco

Capa
Livio Avelino

Revisão
Obra Completa Comunicação

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
FUNARTE / Coordenação de Documentação e Informação**

Carvalho, Pablo de.
Catracas púrpuras / Pablo de Carvalho. – Rio de Janeiro :
FUNARTE, 2012.
156 p. ; 21 cm .

ISBN 978-85-7507-147-2

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.3

A arte é governada de forma inigualável pela imaginação. As imagens são sua única riqueza. Ela não classifica os objetos, não os declara reais ou imaginários, não os qualifica, não os define; ela os sente e os apresenta – nada mais.

Benedetto Croce

Vinheta

Dois olhos, injetados de pura raiva, enquadram a vítima.

Mas a raiva, coisa densa e externa, está apenas nas sobrance-lhas que se juntam em compressão, e nas pupilas sobre as quais as pálpebras caem diagonalmente: dentro do homem o ambiente é de calma. É tudo e o mais em silêncio e quietude. Em torno ao coração parece haver uma neblina, ou garoa de doce umidade, de manhã serrana, embora faça meio-dia em ponto no tempo de fora.

O antebraço se contrai e enverga o indicador, que atrasa o gatilho – apesar de o movimento ser à retaguarda, passa tanta sensação de avanço que nos confunde ver e sentir.

O cão, que tem forma de cavalo e aspecto de cão, segue em marcha à ré a intenção do irmão gatilho, de quebra girando o tambor como que com a ponta da pata.

De repente o esforço se detém. O gatilho para a milímetros do guarda-mato. O cão, que tem aspecto de cavalo e forma de cão (ou será o inverso?), oscila em gesto de touro estudando.

Uma pupila, em forma de túnel, mantém a visada perfeita; a outra, coberta da pálpebra, está desligada. O dedo avança (ou retrocede?) e o cão chifra o percussor que espeta a espoleta que incendeia a pólvora que explode e expande gases que empur-

ram o projétil pelo cano fora, e o projétil (agora, desaceleremos) avança com sua cena para o parágrafo abaixo.

O projétil, nave de chumbo com astronauta remoto, gira e perfura o ar, como uma broca (e isso, destoando quase deste jeito de fazer literatura, é literalmente assim), preciso e espiralado, desfazendo-se de resíduos e fogo e fuligem e som, purificando-se a girar linearmente até entrar pela nuca de um homem cujos olhos só se esbugalham de susto quando o projétil já lhe extrapola os tecidos pelo orifício de saída.

Deixando para trás o corpo que se ajoelha, e antes mesmo de esse corpo ajoelhar-se, o projétil, rajado de sangue e polvilhado de fragmentos ósseos, choca-se contra um poste de concreto e ganha forma de cogumelo.

Esse cogumelo, uma vez rebatendo do poste – bem em frente à lente da câmera –, é cercado por uma expansão de pó, sangue, chumbo e farpas de ossos cranianos.

Justo nesse momento, justo quando as forças e as coisas se afastam e crescem para cessar, paralisemos a cena e enviesemos, saindo do nada, o nome *Catracas Púrpuras*.

Boa leitura.

Os injustiçados

A satíriase traduz-se mais na violência com que é realizada a cópula, do que na multiplicidade das mesmas. Na vigência da mesma, são possíveis escândalos, crimes sexuais (estupros, atentados ao pudor etc.), o homicídio mesmo. Encontradiça nos portadores de personalidade psicopática, forma perversa ou sexual, é de toda importância assinalar que pode a satíriase constituir-se no primeiro sintoma de doença mental: paralisia geral progressiva, psicose maníaco-depressiva etc.

Napoleão L. Teixeira

Noite, noite enorme, infinita noite de azul desviado em preto. Noite invisível às pessoas que estão debaixo da iluminação pública, sob lâmpadas invejosas de estrelas; lâmpadas municipais que não deixam ver mais que o brilho tributado de suas caras. Sim, noite de começar um livro, noite que fez começar todos os livros, as palavras todas da tristeza dos homens.

Por entre essas palavras, que estão em tudo, na composição dos prédios, nas pedras do calçamento, no ar e na água, nos pés e nas mãos, Maria Silva caminha com um caderno abraçado

aos peitos. Caminha, passeia, ajeita os cabelos com suavidade, e de um instante para outro, do tempo novo que engoliu o tempo novo, se vê raptada, arrastada para o mato, rumo à cena que segue.

José Manoel Bunto, apelido Bunto, resfolegava, gemia, rangia dentes em pleno ato de estupro. Batia nas carnes de Maria Silva, e dos sexos unidos fundos gritos infernais ressoavam. As mãos do casal se tateavam com sofreguidão. Ele lhe acarinhava os cabelos; ela gozava inúmeros estribilhos irritados. Enquanto isso, o mato em torno se debruçava e se encaroçava em flores de pétalas voltadas para dentro. Maria Silva ardia e machucava os cotovelos no barro, rezando para que Santa Cecília, que nada vê, lhe cuspsse uma unção por ela gostar tanto assim de sofrer por dentro, e de maldizer o que ama: a violência funda, a subjugação, o tapa no rosto com reação delicada de noiva em mão para aliança – nunca houve, delirava ela, nem haverá, mais que a noiva, figura de mulher oferecida.

Depois do gozo, uma viagem íntima, em submarino, em asa de arraia, rente à delicadeza que cresce, como líquens, nas paredes do coração. Depois do gozo, carnes mortas, bocejos de tempestade, e mãos acarinhando tudo em tato vermelho, amanhecendo de dentro para fora. Depois do gozo, a consciência decanta, os olhos se abrem, os ouvidos atentam às vozes do mundo.

(...)

Depois do gozo – daquele –, outro gozo vinha:

Para ele, o estuprador, o gozo bastante provisório de contemplar a mulher desfalecente, sangrando pelo cabo da adaga, morrendo em torno de uma poça onde as estrelas mortas da noi-

te boiavam como rosas acesas; de contemplá-la gemendo, boquiaberta, aos partos, aos gozos, às separações, entre um espelho carmim e a vista de flores inalcançáveis, acima e abaixo, além de além, dentro do intervalo em que aparece a figura do monstro, ainda olhos dos seus olhos de macho, ainda dono do instante.

Para ela, a estuprada, o gozo definitivo de ser penetrada no ventre, o de espalhar em torno de seu corpo pálido um jardim de intimidade; o de morrer com a vista submersa em si, vendo-se enrubescida por si mesma. Poderia cantar, a pobre moça, pois estava feliz, e tanto mais feliz quanto mais anêmica, tanto mais leve quanto menos sanguínea. Amou o momento derradeiro como a admirar um homem aparentado ao Cristo.

Os injustiçantes

Era segunda-feira, cedo, muito cedo, mesmo para um dia assim antiquíssimo. A primeira hora de luz descortina o cadáver, desembainha mil lamentações e as põe em espera, olhos em vigília, eternamente à esquerda e à direita. O cadáver é uma mulher que paralisou a velhice – mas, em compensação, abriu mão da juventude –, emoldurada por uma aura de sangue coagulando, coroa de flores em outono de fora para dentro. Deitada, boia no vermelho e infla a pele, já ensaiando subir até Deus do céu. Perto dali, uma garotinha passeia seus pequeninos pés pelo canteiro, através da mais pura realidade. Sente o cheiro da carniça, cogumelo abstrato. Uma folha podre nasce sobre sua língua, hóstia delicada que se dissolve e vaza pelas narinas. Aproxima-se por uma trilha. Não crê, mas vê o terrível presépio: a mulher morta, visão em impacto, agonia no tempo. Corre à procura de si mesma: às pernas de pai e mãe. Duas horas depois o noticiário escancara sua parolagem sobre os edifícios acinzentados:

– A cidade está em luto. Foi encontrado o corpo de Maria Silva, desaparecida há dois dias. A jovem estudante foi estuprada e em seguida morta com um golpe de punhal no abdome. Ainda não há suspeitos, mas a polícia segue em incansável investigação.

Maria era filha do coronel da reserva e ex-Secretário de Estado João Batista Dias, conhecido por todos como Doutor. Doutor, que também é cantor, lançaria, no próximo sábado, seu primeiro disco, intitulado *O Seresteiro*. O evento, que aconteceria no Clube de Iatismo, foi cancelado.

Longe da difusão, a mãe de Maria Silva vomitava sobre o tapete da sala um enorme álbum de fotografias, que arrebatavam da garganta e secavam a fogo e dor. Metia as unhas nas cortinas da vida, tentando rasgá-las e encontrar a filha sã, numa camada que houvesse atrás das que teimavam em iludir seus olhos com imagens tão inacreditáveis. Mas nada havia que desmentisse o que estava posto. Morte. Morte. Morte presente: a filha ainda existia, mas só onde a ausência de oxigênio.

– Desgraçado! Cão! Matou minha filhinha; tão nova, tão cheia de sonhos!... Digam que é mentira! Quero falar com ela; liguem para o celular dela... Quero ouvir sua voz... Cão, desgraçado...

O pai, ao seu lado, tragava aquele vômito colorido, respirava a dor dispersa e projetava um ronco subterrâneo, cheio de luz em trevas, amando a filha, ninando-a em ódio. As canções que, dias antes, voavam por sua cuca, vazando por seus assobios, transformaram-se em britas, caíram e se espalharam, a machucar as plantas de seus pés, que seguiam, um ante o outro, em marcha pesada rumo à hora do sepultamento. Ele juntou as cifras num baú velho: inúteis coisas, música sem sentido. Britas do que eram frases! – nem podia atirá-las contra as cordas do violão, a ver se ao menos uma nota torta surgia: era agora o anticantor, fundamentalmente, como se em batistério proclamado.

– Eu pego, eu mato, eu esmago os colhões do desgraçado! Arranco as unhas, furo os olhos, boto fogo nele! Filho de uma puta, amaldiçoado! Como pôde?!

A casa é asilo inviolável

Art. 121. Matar alguém:

Pena – reclusão, de seis a vinte anos.

§ 1º (...)

§ 2º Se o homicídio é cometido:

(...)

III – com emprego de veneno, fogo, explosivo, asfixia, tortura ou outro meio insidioso ou cruel, ou de que possa resultar perigo comum;

(...)

Pena – reclusão, de doze a trinta anos.

Código Penal Brasileiro

Bunto, com uma faca em forma de chave-mestra, violava as placentas da entrada e invadia a residência, para a prática de homicídio. Prendia muito ar, já que era difícil respirar em meio quase uterino. Todo o ambiente de dentro lhe lambeu o rosto com jeito de acalanto, mas depois o rejeitou, contraiu a matéria, inflamou-se ao seu redor, quis expeli-lo: corpo estranho à casa.

O silêncio das coisas que dormiam lhe causava certa comoção: pelo jeito de vê-las, assim pacatas e significativas, criadas e deixadas em cantos por mãos humanas; coisas tão queridas na vida!... Mas seguiu, alheio e objetivo, rumo ao quarto de dormir.

Não poderia, claro, prever que, instantes depois, enquanto sufocava seu inimigo José Irino com o próprio travesseiro, todas elas despertariam para opinar, carpir e maldizer. E nesse coral de manifestações danaram-se os pratos a tilintar lágrimas em forma de arroz; o sofá se voltou a si mesmo, como um feto, e chorou de mansinho a olhar para o sofrido tapete que, estarecido, nada conseguia dizer; a geladeira se serenizou e anunciou a Bunto que o futuro guardava um mal maior; o fogão jurou que interviria junto a Satanás, para maldição, ferro e pelourinho; as janelas, essas apenas entristeceram, de modo muito doce, e ofertaram, se Bunto remisse o passado, um possível perdão; o aparelho televisor refletia o fato imparcial; para as portas, tudo era questão de ponto de vista.

A vítima, prestes a dormir um sono que não cabia naquele pequeno travesseiro de penas de ganso, ia engolindo a própria vida, ia se voltando para dentro de si, por uma coisa como um ralo, um escoadouro, uma vagina em contramão. Foi-se em minutos. Levou apenas seus dois olhos e um dicionário (diga-se de passagem, bastante reduzido) das palavras que aprendeu ao longo de sessenta e um anos de vida.

Morto, enfim, José Irino, por ação autorrespiratória, restaram seus olhos vazios e abertos, mirando aquele céu de ninguém, e seu corpo flutuando sobre uma ideia impossível, mas clara: a do movimento em repouso, da concentração dos gestos, da forma aquém da forma.

Bunto foi ao armário, vasculhou as trouxas, que lhe fediam nas ventas como inúmeras carcaças do mesmo homem, o homem inaugurado na morte, e encontrou o que procurava: uma pistola calibre 0.9mm, prateada, em cujo corpo se lia a frase (em

japonês), cunhada por um artista excelente: “Mão de José Manoel Bunto”.

Dispensou por cima dos panos, com a ponta dos dedos, enojado, como se descartasse em dejetos, o revólver enferrujado que trazia. Acertou a pistola na cintura, e o frio metal, de seu frio, lançou um arpejo coluna acima, desenhando um crucifixo azul-claro, ombro a ombro, lacrado de mortes e acontecimentos estranhos, erguido em passado, cova vertical, varal de almas. Acertou a arma em seu automatismo na cintura, e um ajuste de máquina se lhe articulou pela mandíbula e pelo crânio, e seus olhos, feito os olhos de um camaleão, voltaram a olhar para a frente e para trás a um só tempo. Faltava brilho à carne, e carne ao metal. Faltava.

O pai deseja a morte

Crucifique-me, pois, juiz, faça-o, e crucificando-me, tenha dó do sacrificado. Então eu mesmo superarei o próprio suplício, porque não é de alegria que tenho sede, mas de dor e de lágrimas.

Dostoievski

Na delegacia de homicídios, entra o pai de Maria Silva. Arqueado, olhos arrastando-se no chão, as pupilas arranhadas. Solenemente, ao custo de um tremendo esforço, senta-se em frente à mesa e ao sentar ergue-se, que, rastejante, para o homem varado de dor erguer-se não vai além de sentar (e todo homem vivo, no intervalo dos atos, senta, inequivocamente: os que voam pousam, os caídos erguem-se; bem assim os que caminham, os que acordam; os que sentem os intestinos revirar; os que acabaram de foder e, fodendo ou não, sentem fome; os que jogam, bebem, escrevem; os internautas, os atormentados – e por esse caminho cacete e infundável segue o que segue: que todos os viventes, na vírgula de cada ação, sentam-se). O pai ferido espalha pela mesa do delegado de polícia a maquete da

tumba, mata a filha novamente, chora sangue puríssimo, quase pastoso, a esbravejar:

– Não prenda não, doutor! Mate, mate esse filho de uma puta! Mate devagar, arrancando as unhas, depois castre com um alicate, e no final jogue gasolina e ateie fogo! Mas me chame, eu quero participar!...

– Meu senhor, Doutor, até agora a gente só tem uma pista: uma amostra de sêmen colhida no interior do corpo. Não havia tecidos debaixo das unhas dela, o que é incomum. É preciso haver, no mínimo, um suspeito para fazer o exame de comparação de DNA! Já estamos intimando pessoas da vizinhança, mas é difícil, pois se trata de lugar ermo. Inclusive, Doutor, é interessante o senhor usar seus conhecimentos pra apressar esse exame preliminar, pois, quando a gente consegue autorização para fazer o referido exame, que custa caro, o resultado pode levar meses para voltar... Mas, como se trata de caso de repercussão...

– Doutor digo eu: lhe dou quarenta mil reais! Lhe dou um carro zero!

– O senhor não está me escutando, Coronel: ainda não há indícios!

– Dou um carro, Doutor; dou quarenta e cinco mil!

– Por favor, Coronel, com todo o respeito... O senhor está transtornado, o que é perfeitamente compreensível... Mas eu tenho de trabalhar...

O pai, escurecido, fechou a gaveta de oferendas tórax adentro, abotoou o luto novamente. Voltou para casa. Perscrutou a vizinhança em busca da ausência (quem busca ausência, busca remédio) da filha; mas não havia ausência, e não havendo ausência, dor havia, dor enorme: a filha espalhada por todo o bairro,

sua voz atrás das árvores, seus pés eternamente fugindo ao longo das calçadas, seus cabelos balançando num galope eternamente de costas que é de dizer, imitando inevitavelmente o compositor (Chico Buarque de Hollanda): quanto mais corria, mais ficava.

Entrou em casa. Aliviou-se por um segundo – mas não mais que isso. Encontrou a mãe, no quarto, com o peso da filha dependurado nos ombros, que cediam, tornavam-se aduncos, queriam tocar-se, fechar o rosto materno feito castanha, protegê-lo da visão do mundo: a mãe, agora mais jovem que a filha. Ela ergueu ao marido um olhar aquoso, que repetia o estupro e o homicídio – repetia-os sempre, aliás, como novidades perenes. A dor lhe imolava os nervos. O coração estava pendurado apenas por uma pelanca. Era uma criatura que parecia só ter bebido água ao longo de cinquenta anos – e de fato era mesmo.

– E então, ele vai matar?

– Ele nem imagina quem seja... Só tem uma amostra de esperma, mas não tem suspeitos.

– Chame os dois, homem; chame!

– Mulher, há tanto tempo estou de mãos limpas; estou em Cristo... Estou aposentado.

– Mas foi nossa filha, nossa filha!

– Eu sei. Não me aguento mais de dor.

– Chame, por amor de Deus!

Doutor sai da sala, pega um cigarro e vai à varanda, para refletir (em terceira pessoa, pois são coisas às quais renegou há tempos e só suporta recordar vendo-se de fora) no céu a projeção de memória que segue:

“Caindo o sol em movimento poente, recobre-se com o chão, boceja luz e vai dormir, soberana estrela. Na linha do horizonte,

por uma brecha, Doutor, o pai de Maria Silva, espiona o passado. Antes de afundar os olhos nele, fuma um cigarro, que se acende em boca de revólver e esfumaça para o chão, velozmente, e a fumaça se derrama, líquida, como a urina do último homem morto por seus homens, através de ordem sua. Recorda Doutor que era uma noite de sexta-feira. O condenado estava de joelhos. Chorava imitando um nenê e cuspiam diversas pedras no chão. Sua boca se abria até os ouvidos, e seus olhos refletiam nas hóstias cristalinas um parquinho de diversões, fechado em noite de tempestade. Abaixou-se até encostar a testa no chão, ficando praticamente idêntico a um relicário de beira de estrada, desses que se erguem para estacionar almas mortas em acidentes de trânsito.

– Você, rapaz, me roubando de novo!

– Desculpe, Doutor, não faço mais!

– Ah, tá aí uma promessa que você vai cumprir! Realmente, você não faz mais; duvido!

Os cavalos bípedes, que estavam à esquerda e à direita do Coronel, sorriram irônicos epitáfios. Prosseguiu o Doutor:

– Já lhe dei uma chance, porque você é meu parente. Mas você tentou me fazer de otário. E realmente eu fui, porque confiei num cabra sem-vergonha como você. Sua mãe, minha comadre, beijou meus pés umas mil vezes quando você foi pego enrolando na pesagem do gado – do meu gado! Eu relevei; nem sequer mandei lhe dar uma pisa. Agora é chegado seu fim. Você não tem jeito. É ladrão desde a semente.

– Mas Doutor, o que mamãe vai pensar do senhor?

– Tenha vergonha, cachorro! Usando sua mãe pra tentar se salvar! Agora foi que eu fiquei puto! Agora é que eu vou lhe matar com gosto! Covarde e ladrão!

Um dos cavalos cuspiu um “tsc...” no chão do milharal, aguardando.

Doutor inspirou a sentença, meditou falsamente sobre o que já estava decidido, e observou que o corpo trêmulo da vítima transpirava urina por todos os poros.

– Pare de se urinar. Ao menos morra feito homem...

E saiu o Doutor, em passos pesados que batiam às portas do inferno, de onde rebatia um “já-vai!” que oprimia as costelas do condenado.

Enfim a arma apontada e o estampido em forma de além. Botões de rosa que o defunto trazia na cuca se espalharam em volta. Ele encostou a cabeça no chão para ouvir estourar as sementes da lavoura de milho – desde criança ouvia falar desse fenômeno, mas só agora tentava experimentá-lo. Reverenciou a morte – mulher sem olhos, escura e aguda – com as mãos voltadas para trás. Sepultou-se sob o monturo em que se converteu. Os carrascos, lentos como este tempo recém-imposto ao morto, sumiram para este lado do mundo.”

Doutor chacoalha a cabeça e abre os olhos, retornando do mergulho no distante em si.

O cigarro apagara, as cinzas toparam no filtro.

Ele apalpa sua carcaça, confere-se. É o mesmo ainda, mas bastante mudado: pele nova, novas pupilas, cabelo engomado e impecável, voz categórica:

– Está bem, mulher, vou chamá-los. Mas só para esse serviço, o último, se Deus quiser.

A amiga sente saudades

...Não mais se trata, aqui, de inibição, mas sim de desvio ou aberração da censura: é o próprio superego que comanda o crime. É, por exemplo, o caso do paranoico perseguido-perseguidor que, convencido de estar agindo direito, acaba por eliminar aquele que acredita ser a causa de tudo que sofre...

Napoleão L. Teixeira

Abaixo da lua cheia, como se víssemos uma loba sonhadora, está o rosto de Zilma, em perfil, espionando a beleza. Duas linhas retas, bastante precisas, podem ser vistas saindo de suas pupilas e se projetando pela Via Láctea, galáxia que é um enorme enigma estelar, mas cuja dimensão distante (da Obra da Criação, do Mistério dos Mistérios), vale nada para a mulher sonhadora, que apenas quer decifrar a carne e o pensamento da mulher amada, objeto exclusivo de seu interesse.

É assim mesmo, sim-sim: ainda que um anjo descesse do firmamento e sentasse à direita da mulher em fantasia, e lhe falasse em bom português sobre a origem de Deus e da matéria, ela o dispensaria, mandaria danar-se, ou pediria novas de Maria Silva,

esta sim, casa da incompreensão, boniteza inalcançável, objeto de seu devotamento, ânsia de seus dentes.

Delirava ela, os olhos rajados de devaneio:

– Se eu pudesse, ao menos, beijar a boca amada e ver o que há por detrás de seus olhos fechados: que supernova, que lua, que sol, que misteriosa constelação íntima em vórtices da alma querida em fusão com a minha! Veria Deus, veria ouro, veria o avesso de morrer – que morreremos, eu sei, mas estou fora do tempo.

Travada em ideia fixa, Zilma rodava em pensamentos algo assim repetitivos:

“Quando uma mulher ama outra mulher, o mundo em torno se enche de perfumes, e a beleza vaza pela boca feminina num encantamento que faz a amiga aberta cantar, abrir os olhos e enxergar além: um céu que proclama o avesso da fatalidade. Quando duas amigas se beijam, os olhos enclausuram um sentimento em forma de coração e uma infância madura nasce, cheia de desejo pela beleza, a pouco vista beleza que há à esquerda da beleza.”

Pensando, pensando muito, ela chorava frigidez em flocos de neve sobre roupas íntimas furtadas a Maria Silva: amiga de uma infância assexuada, namorada querida que não a amava.

Um dia (ela guardava essa lembrança no coração como num cofre), Maria Silva lhe disse:

– Zilma, eu sei o que você sente por mim; eu lhe tenho muito, mas muito carinho mesmo, mas essa não é minha praia. Eu não vou me afastar de você, ouviu? Eu quero que você esqueça isso e volte a ser só minha amiga. Então, vou ficar perto até você enjoar de mim!...

Ouvir isso foi mais que ouvir mil declarações de amor. Os cabelos de Zilma cresceram, seus peitos acenderam. Ela passou dois dias deslizando entre almofadas e bichos de pelúcia, umedecendo-os de sonhos, delirando carinhos muito além do tato, muitíssimo além da palavra e seus clichês, e do clichê de dizer que a palavra vale pouco.

Mas, a pouco e pouco, tudo ressecou, pois ela via sua Maria passear com homens, dar-lhes a mão, insinuar o corpo à penetração da sujeira – talvez até permitir... Era uma confidência que Maria não lhe fazia.

Aquilo se acumulava nela: a vadiagem abrutalhada de sua amada, a boca mal utilizada, a vagina em desperdício, os peitos profanados, o ânus servo só da natureza primitiva, orgasmos medíocres – sujeira. Já via naquela beleza algo de podre, de grosseria, precipitação, desprazer. Condenava-a pelo mau gosto, a rejeição da sutileza: via-a como um cristal que se deixasse badalar por um martelo de amassar carne.

Quando enfim esse peso lhe esmagou a consciência, ela foi à casa de Pai Almir, pedir conselho.

Era um portão decadente, entre muros decaídos. À esquerda da entrada havia um altar coberto de telhas de amianto cheio de estátuas vermelhas aos pés das quais havia tocos de vela, garrafas vazias de cachaça e latas amassadas de cerveja vagabunda. À direita, uma mangueira magra, em que um vira-latas gordo estava amarrado, espalhado na preguiça, respirando mal.

Ela entrou e sentou-se no sofá, de espuma velha, coberta por um lençol mal lavado.

Pai Almir veio dos fundos, onde havia um paxadinho. Zilma pôde ver passar por fora da janela um rapazola de uns dezessete anos de idade. O conselheiro estava avermelhado, o rosto suado, e trazia no canto do bigode uma gosma branca. Era gorducho, uns quarenta anos de idade, e redondo de cabeça, tronco e membros. Vestia uma túnica. Sentaram-se numa mesa redonda.

– E então, minha criança, qual a sua questão?

Ela explicou tudo, detalhadamente, muito surpresa por abrir tanta confiança àquele sujeito que acabava de conhecer.

Ele ouviu cada palavra atentamente, meditativo, circunspeto, surpreendendo-se, ele também, pelo enorme interesse que aqueles fatos lhe levantavam no coração surrado, sempre alheio à vida alheia.

Ele abriu as cartas e espalhou pedras num cesto. Fechou-se em si. Invocou os santos, que se apresentaram. E embora cada um vestisse cor própria, todos usavam máscaras de Pai Almir, em cujas bocas havia uma pincelada de branco imitando gosma.

Estremeceu, estrebuchou, fez que ia cair da cadeira, mas reequilibrou-se velozmente. Com vozes irreconhecíveis, encarou Zilma a fundo e disse:

– Sua solução não está na vida; a vida não vai lhe ajudar. Tenha paciência. Onde não houver vida, aí haverá um remédio para sua dor, filhinha, nenezinha maltratada. Tenha santa paciência. Nem todos gostam de nós.

Ele voltou a si, e perguntou:

– Eu disse algo? Eu consegui, minha filha? É que a gente não lembra...

Com rosto distante, olhos pousados no futuro, ela respondeu:

– Sim, entendi claramente. Obrigada. Quanto lhe devo?

– Cinquenta reais só, minha filha.

(...)

Agora, Zilma via a sua flor morta, sem poder ser pertencida, e um misto de dor e alívio se entranhava por sua alma e se transformava numa substância detergente, causticante, que abria sua pele e deixava derramar-se pelo chão o conteúdo sujo de seu coração, que estava encardido feito carne cozinhada sem tempero, o desgraçado. Saiu da flutuação e deu um salto da cama. Tocou-se, incrédula, como se tivesse caído da realidade num pesadelo:

– Ó meu Deus, por que eu mandei matá-la?! O que eu fiz?! Onde eu estava com a cabeça?!

Depois voltou a deitar, e travou o olhar no teto, murmurando:

– É bem feito...

Os cavalos

O Sol estreita os ombros para entrar no beco dos vitrais. Os pés da gente de lá são finos e angulosos de subir e descer ladeiras. As janelas, em tons de garrafas vazias de refrigerante, escondem rostos de três olhos, que deslizam pelos frisos, esgueiram-se atrás de rachaduras e altos-relevos, bisbilhotando o vaivém do povo numa curiosidade apavorada. O céu está repleto de hálito e cor de esgoto entre nuvens, e um halo intoxicado embaça o azul, que é raso, aguado demais. A lordose faz os automóveis lentos, relutantes, chiando na subida uma tremenda vontade de morrer, e na descida o desejo de se enamorar. As mulheres carregam cerca de doze homens encolhidos em grandes fardos sobre rodilhas de pano nas cabeças, acompanhadas estreitamente por crianças minúsculas que não lhes ultrapassam os joelhos. Velhos criaram raízes nas calçadas, e seus pés racham o cimento fino; seus olhos, afetados pela degenerescência vegetal, observam os acontecimentos de modo muito indiferente, e só se espantam diante de boas-novas, que fazem com que seus dentes amadureçam e caiam, trazendo boa sorte ao povo. Estando o dia a entardecer, um forte cheiro de sangue se espalha pelas ruas e pelas casas amalgamadas – mas só nas cozinhas e quintais, não entrando jamais nas salas e

quartos de dormir –, e as paredes começam a parar de transpirar. À beira de um grotão, na mesa de um boteco, os cavalos bípedes de dentes de ouro bebem. Espremem a garrafa de aguardente, que transpira seu conteúdo em um copo arrebrandado. A cachaça encolhe-se em um canto, gelatinosa de pavor. As mãos excomulgadas levam a bebida a uma garganta enorme, e o gole desce aos gritos. Os anéis tilintam no vidro. Os dentes de ouro se fecham num som metálico. Os olhos injetados de sangue se encontram.

– Ô sujeito que deu trabalho pra morrer..

– Você não apertou o torniquete direito! O cara ficou que nem uma galinha mal abatida...

– Isso é verdade. Mas o pescoço do infeliz era grosso. Ele era forte. Vagabundo do sertão. Parecia um boi.

– Mas valeu. É bem feito. Quem manda sair de lá para fazer parada aqui? Ladrão safado. Hoje vou dormir na frouxa.

– Era bom a gente ir na casa do irmão dele agora, pra completar o serviço.

– Tem futuro não. A velha mãe dele tá lá. Não dá. É mulher. É mãe. O povo fica com pena e cai em cima de nós. Pense num inimigo sem parelha, esse tal de povo! Pior juiz que tem.

– E eu só lembro de minha mãe... Deus me livre.

Fez o sinal da cruz, mas a ponta de seu dedo nada riscou – nada riscava ao desenhar os sinais santos; ao contrário disso, quando rabiscava corte de pescoço, a tinta guache vermelha lhe sujava a gola; se martelava o tomar-no-cu, salpicava-lhe argila marrom no rosto; quando descrevia o gancho de gatilho, seu indicador se sujava de grafite em pó.

Prosseguiu:

– Ei, Carlo, você se lembra daqueles sete vagabundos que a gente fez, numa sexta-feira à noite feito hoje, de uma vez só?

– Sexta-feira é o melhor dia da semana... Claro que lembro. Sete salafrários. Já estavam de ganho, porra; muita parada nas costas, bandidagem velha, tirando onda, de boa, na suavidade, carro novo, TV de plasma, casa boa. Já estavam tirando hora extra na Terra.

Aquela foi uma noite amaldiçoada, enfiada no protocolo da vida como uma carta negra – coringa chifrudo que sorri. Era noite, como dito, e céu e cidade estavam totalmente pintados de petróleo retinto, brilhante. As ruas estavam proibidas ao povo, tanto que as fachadas das casas paralisaram num painel a óleo, que não deixava vaziar o tempo interno, feliz e calmo lá dentro, como uma ave engaiolada, e tampouco permitia penetrar nos lares o negrume abjeto circundante. E isso era bom, era mais lógico recolher-se, ficar de fora dos fatos, já que só a pulmões habituados a enxofre era dado respirar sob tamanha condensação de verdade.

– Os caras estavam roubando carros e levando pra Salvador. Aí aquele informante...

– Til-Maconha...

– Sim, o Til-Maconha... Cadê ele?

– A equipe da entorpecentes quebrou...

– Sabia não. Sim, mas, prosseguindo, o Til-Maconha deu o serviço e nós pegamos os sete, no puteiro!

– Parece que foi no Clara's...

– Foi no Maria's... Parece até que o Doutor esteve lá meia hora antes!

– É mesmo (e sorriu), não lembrava desse detalhe!

Sete homens, quatorze olhos de um só rosto desesperado. Sete homens de esfínter aberto – retos por onde escorria uma areia finíssima, ampulheta categórica. Sete relógios de ponteiros estacionados – é que as horas que antecedem à morte prevista não correm, não trabalham em vão: param e cruzam os braços para assistir ao momento.

– Aí a gente colocou os sete no porta-malas da caminhonete e levou pro canavial... Acho que da Usina São Pedro...

– Não, ô Conceição, foi da Usina Santa Efigênia...

– Bom, vamos dizer... Usina São-Nunca!

Riso abundante, os dentes de ouro tilintaram, as córneas se comprimiam quase a alcançar o tamanho de pupilas. Riso rígido, de tom afiado, que fez encurtar em dez centímetros a perna maior de um aleijado que passava, deixando-o quase são.

– Você lembra? A gente colocou os vagabundos amarrados, um do lado do outro. Cavamos a cova rasa e tudo mais. Só tava faltando apertar as cordinhas... Então, Carlo, o Bite-Bite, aquele amaldiçoado, que ainda tava com raiva por causa de um chifre que levou, pegou uma faca peixeira e disse:

Carlo Magno interveio, com um vodu na mão:

– ...guardem as cordinhas; hoje é comigo!...

– Isso mesmo!...

Bite-Bite. Homem que amadureceu, mas não ganhou corpo. Era pequenino, magro demais para uma fúria em forma e massa de ônibus. Parecia que o homem dentro de si crescera renitentemente dentro de uma lata, comprimido o corpo infantil enquanto germinava. Tinha músculos protuberantes, mas atrofiados no modo; tinha pelos grossos, mas poucos e que lhe feriam a pele

doce; tinha um bigode cravado: trinta e poucos fios de arame entre nariz e dentes malcuidados por comer açúcar demais.

Realmente, havia sido traído semanas antes. Arrancara da desgraçada boneca de algodão todo o preenchimento, ateara-lhe fogo nos cabelos de plástico; depois chorara, muito, em tom agudo, e foi dormir chupando dedo, balbuciando: eu sou o Bite-Bite, Bite-Bite, Bite-Bite...

– Aí, Carlo, foi aquele negócio. Eu nunca vi coisa mais doida. Até o Cara-de-Bode, frio daquele jeito, virou o rosto. O Bite-Bite, baratinado, gemendo, gritando, danou-se a meter faca nos vagabundos, pisando nos bofes espalhados, dando chute, arrancando as orelhas, gritando: puta-puta-puta!... Os vagabundos choravam, chamavam pela mãe, se cavavam nas calças... No final de tudo foi aquele açougue... Você lembra do carão que você passou nele?

– Mas não era pra ser?! O filho de uma égua do Bite-Bite leva os chifres dele e desconta nos vagabundos; aí sobra pra gente, ter de enterrar aquele monte de carne retalhada, sangue e merda por toda parte! E o pior é que nem dava pra mandar ele terminar o que começou e jogar os vagabundos na cova rasa, que ele, magro que nem um grilo, não aguenta nem com um anão!

– Eita, antigamente era bom de se trabalhar nessa Polícia Civil...

– Se era... Hoje em dia, a gente tem de trabalhar com cuidado redobrado, que os bandidos somos nós...

Tomaram os últimos goles, que desceram fervendo e borbulhando garganta abaixo, quase não chegando aos estômagos.

– Hoje eu tava a fim de comer a mulher do cobrador do corujão. Mas bateu sono. A diligência foi cansativa demais.

– Eu também tô morto. Vou dormir. Até...

Despediram-se e partiram, em direções opostas, cuspidando sobras de bebida e tabaco sobre ervas decadentes das sarjetas, que agradeciam e regurgitavam esgoto ensaboado pelos sangradouros.

Metros acima, cães de gesso agouravam contra os postes, que olhavam para o céu e lamentavam alguma coisa, impacientados, mas conformes.

O menor deliquescente

Para ele nunca houve mourão, nem nunca lhe deram queda em faixa de vaquejada. Rumina etanol, chifra o impalpável com para-choques metálicos. Olhos luminosos, dispersos, que deixam auréolas a pairar na atmosfera. Ânus incontinente, a liberar uma flatulência interminável de máquina digerindo. Cascos vulcanizados que riscam, giram, riscam, riscam em busca do menor deliquescente, que corre, desaba, chuta uma manada de ratos, espoja-se no lixo espalhado, entra em um beco movediço e ajoelha-se a rezar aos pés de um poste em pose de Santa Maria.

– Ave Maria que estais no céu, o senhor é convosco, venha a nós o vosso reino... Mãe, tire esse boi de detrás de mim!

Genuflexo, respiração aguda, pés cruzados, trêmulos, os sonhos emaranhados em voltas de arame farpado. Saca uma garrafa com cola do bolso, que contém em miniatura a vida inteira e a cidade, monocromáticas. Bebe-lhe a essência, a ilusão descarnada. O vapor desliza pelas narinas e garganta da criança e lhe injeta na alma retorcida um tempo estranho, adulto, fazendo seus pés crescerem e se cobrirem de pelos. O poste em pose de Santa Maria declina em face de um dó tremendo; abençoa-lhe com palavras escuras, subaquáticas, intraduzíveis. Depois se alteia e endurece, tornando-se um homem, magro e alto, solenemente.

– Já foi, já foi; graças a Deus! Os cana, cana-duras se foram, a viatura foi... Obrigado, mãe. Vou pra casa. A ponte. Hoje vou dormir lá, na ponte. Não, lá não. Lá queimaram o Nem, semana passada, e ele foi pelo rio debaixo. Vou dormir na porta da farmácia, que remédio!

Ensaia sair do beco, esquivando-se das paredes, que ondu-lam. Longo corredor afunilado. Às vezes a perspectiva se confunde, a estrutura se mexe como em movimentos intestinais, e o menino sente estar no fundo de um buraco, ou na boca de um escoadouro de esgoto que gira. Assim, caminha para a rua, às vezes caindo, outras escalando. Chega, afinal. Reluta – não confia na luz. Olha à esquerda, à direita, duas vezes. Mira a praça, cheia de árvores espalmadas em rezas abertas, elevando peditórios à Lua. Outros touros roncam, buzina, liberam gases, mas não o caçam, apenas seguem adiante. Alivia-se. Senta-se um pouco, pensa em nada, mas no fundo da cuca um mosaico triste expõe tudo o que lhe consta, ao menino de pés de velho: brinquedos vivos, camas de chumbo, solidão em forma de mãos. Um homem passa, de chibata em punho, açoitando uma bicicleta, que protesta. As engrenagens de ferro choramingam, os pneus rosnam, e o homem segue com seu olhar encardido, mirando um ponto fixo, sempre, ao longo do passeio, e se arreda, desaparece. A noite se acalma. A cidade boceja, expandindo o domo celeste; estrelas se afastam e se reagrupam; a escuridão engrossa, cai por cima de tudo, dando a tudo mais peso e pesar. O menino de pés de velho atravessa o mercado, sorrateiro, muito atento aos pés das barracas que, às vezes, por pura má-fé, tentam lhe dar um baque. Deita-se sob o luminoso e desfalece, caindo em um sonho sem cor, onde gira, numa espiral densa, sem, no entanto, sair da margem.

O pai decide a morte

Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, de modo nenhum passará da lei um só i ou um só til, até que tudo seja cumprido.

Mateus, 5:18

No começo a dor era ácido pelejando contra as carnes do pai, que não desmanchavam. Permanecia essa coisa insensata: os poros transpiravam ácidos e a carne, de tão indiferente à ideia de ácido – e a tudo o mais –, tornou-se imune à corrosão das moléculas em faca. Depois a derme secou, envernizou-se, impedindo que o tempo extravasasse do corpo do pai que carpia. Os olhos se voltaram para dentro, e um piano o mais triste embalou a imagem da criança no berço. Num terceiro estágio de sofrimento o pai, semimorto, contraído em grão, estremeceu e arreventou para a realidade em seu desespero, e desatinou a gritar e a buscar, e arranhou-se nos espinhos dos pedestres, e se enfiou pelo beco dos vitrais em busca de justiça.

– Bom dia.

– Bom dia, Doutor. Quanto tempo!

– Pois é. Seu marido está?

– Carlo, o Doutor veio te ver!

Fez-se o silêncio por um instante. A casa prendeu a respiração. Nada. O ocaso. Logo, só as ferraduras rebatendo ferro, aproximando-se. A mulher do cavalo esquivou o olhar, guardou o coração na bolsa e escondeu as mãos – não queria expressar sexo. A luz contraiu-se até onde dava. O cavalo apareceu à porta e abriu seu largo sorriso dourado.

– Meu patrão! Quanto tempo! A que devo a honra?

– Tudo bem?

– Tudo. Entre.

– Não Carlo, obrigado. Prefiro que a gente converse em outro lugar.

– O senhor é quem manda. Vou vestir uma camisa.

Sentam-se em um restaurante discreto, em beira de lagoa. Silêncio a princípio. Discretamente, mas de modo indisfarçável, Doutor vai jogando na água cascas de diversos pedaços daquilo em que se tornara desde que deixou de trabalhar com Carlo Magno. As peças descartadas (testa, boca, cotovelos, ombros etc.) boiam por um instante, depois afundam nas águas noturnas, como se nunca houvessem existido em estado palpável. O cavalo para a mandíbula e diz:

– Eu soube do que aconteceu a Mariazinha... Pensei em procurar o senhor, oferecer ajuda, mas tive medo de ser entendido do jeito errado...

– Pois é, Carlo, eu estou só o bagaço. Na verdade, eu ia deixar você quieto. Ia só dar um agrado pro delegado pra ele quebrar o nojento bem devagarzinho, mas a Polícia Civil não tem pista; nada de testemunha nem informante; só o sêmen...

– Nós da civil não temos mais como trabalhar, Doutor. Não é igual àquele tempo em que o senhor era secretário de segurança...

– Eu sei. É por isso que eu não sei nem se tenho o direito de usar nossa amizade pra lhe pedir que...

Carlo o interrompe, cravando-lhe o garfo na mão.

– Doutor, o senhor é considerado! Naquele tempo, quando o senhor dava as cartas, a gente tinha sinal verde pra tocar o terror, quebrar os vagabundos, e nunca tinha rebordosa! Além do mais, quando eu tive aquele problema particular, o senhor me deu toda estrutura pra viajar até o fim do mundo e quebrar o desafeto... Isso conta muito! Tamo aqui pro que der e vier. Falo por mim e pelo Conceição, que lhe deve mais do que eu, de certeza. Ora, se a gente não puder fazer um negócio desses por um amigo das antigas, pra que então que a gente serve?

– Mas você sabe que esse serviço é arriscado... Hoje em dia tem promotor de justiça, a imprensa, os grupos de direitos humanos...

– Doutor, não esquite; é o seguinte: nós vamos fazer à moda antiga, mas com mais segurança. Deixe quieto que eu vou saber o rastro do infeliz. Aí a gente procura nossos velhos amigos, e o senhor sabe que tem deles que são até deputados hoje em dia, e pede a eles um sinal verde especial. Tenho certeza que eles não negam, principalmente pra quebrar estuprador. Então vamos ser só eu e Conceição, no mata-mata, até o fim do mundo, até trazer o miserável na ponta da faca, e despejar ele nos seus pés...

– Carlo, eu tô até emocionado. Eu vou lhe dizer uma coisa, e você não me leve a mal. Tenho quarenta mil pra você e pro Conceição. Não é paga, é presente.

– Doutor, dinheiro é sempre bem-vindo, mas a gente tá fazendo pela amizade. Deixe na poupança que, quando tudo estiver acabado, o senhor dá a parte da gente, e dos juros a gente faz uma farra como as de antes... Por enquanto alugue um carro, cor preta, quatro portas, motor 1.8 pra cima, com dois abastecimentos por semana naquele posto do nosso faixa, por um mês, renovável. O mais rápido possível, que eu ainda tenho de esfriar a placa. Feito?

– Claro.

Apertaram as mãos, envergando os trilhos por onde correm os fatos – os antes naturalmente considerados –, direcionando-os a uma cidade escura.

O princípio é o verbo

O trabalho de observação é preliminar e básico, numa investigação. Sendo os demais decorrência dele, podemos dizer que da maior ou menor capacidade de observação do policial investigador depende o sucesso de uma investigação. Não basta olhar e escutar. É preciso enxergar e ouvir, distinguindo o que interessa daquilo que não interessa e, assim, escolher o que é útil, deixando de lado o inútil.

Coriolano Nogueira Cobra

O cavalo bípede de dente de ouro sobe em sua motocicleta, e relinham. Espora-lhe as engrenagens, joga na cabeça um pacote – único útero que conhece – e se dana à casa do amigo.

A caminho, lembra dos olhos derramados do pai, de uma tristeza tão anuviada que umedecia as batatas fritas, tornando-as moles, insossas. Tão aparentado, o pobre, ao gelo de seu uísque, nem frio nem quente, apenas aquoso e rígido, boiando no sem-tempo! Não poderia abandonar um homem que guardava consigo tanto de passado comum. Não tinha a mínima noção do

que seria um pai, nem para sofrer por Doutor, e tampouco para senti-lo como tal. Mas sabia muito bem o que era um comparsa, aquela pessoa de dois braços e dois corações.

– Ô de casa!

– Já vai!

– Oi, Carlo.

– Oi, Matilde. O Conceição tá aí?

– Tá dormindo.

– Diga que é urgente.

– Tá bom.

Novamente o silêncio, a mulher enclausurada em uma prece para não expressar sexo às visitas, e as ferraduras batendo no piso, aproximando-se.

– Diga aí, Carlo.

– Meu irmão, desculpe lhe acordar, mas o negócio é urgente.

Tem amizade e dinheiro na fita.

– É coisa do Doutor, né?

– Exatamente.

– Tava demorando... Espere aí no sofá. Vou lavar o rosto e escovar os dentes. Vamo conversar em outro lugar. Aqui é sem futuro. Matilde, traz um café forte pro Carlo.

A mulher trouxe a xícara, cuja fumaça esboçava a silhueta de uma santa. Ao passar à mão do cavalo, o vapor transmudou-se em cruz de extremidades estreitas, como cabeça e ombros de um homem. Voltou a mulher à cozinha, aflita, trêmula e exalando perfume, mas aliviada – não expressara sexo, como era ordem de seu cavalo.

No boteco do beco dos vitrais, à beira do grotão:

– Carlo, o negócio com Mariazinha foi horrível. Eu achava que Doutor ia procurar a gente de cara.

– Eu também, mas ele, depois de ir pra reserva, se tornou meio diferente, só queria saber de cantar, ir à igreja e papirar a Bíblia; deixou de ser polícia. Tanto que primeiro procurou o delegado do caso, mas o cara é novato, não sabe trabalhar; falou essas besteiras de investigação, inquérito etc. Só então Doutor se lembrou de como as coisas devem ser. Aí foi me procurar.

– A gente tem de entender, é um velho, tá cansado de guerra, mas é nosso amigo. Nunca negou nada!

– Claro, isso é o de menos.

Carlo despejou sobre a mesa o que conversara com Doutor.

– Carlo, quarenta mil é muito dinheiro!...

– Pois é... Pago as prestações do apartamento quase todas... Aí retiro o locatário e vou morar lá.

– E ganhar esse dinheiro por prazer, pra ajudar um amigo, é bom demais!

– Nem fale.

– Vamo nessa. Quando você pega o carro?

– Doutor ficou de ligar pro meu celular ainda hoje.

– Eu conheço um informante das antigas que é da área do crime. Vamo conversar com ele hoje à noite.

– Se bem que esses safados estão cismados com a gente. Depois que os caras começaram a matar os ponteiros só de divertimento, o “sindicato” pegou ar.

– Então, já que o jogo é pesado e a gente tá com as costas fervendo, vamo logo apertando esse vagabundo.

– Ok.

O informante é um poste em miniatura, escorado em outro poste, falando ao celular:

– Porra nenhuma, velho! Â? Ôxe, eu sou vidalouca, meu irmão! O bagulho tá baratinado, mas vai dar prá nós... Se aquele puto encharcar, quebro ele de coco, pra ele ver que tem de botar fé em mim! Ele tá pensando que eu sou comédia só porque sou pequeno!... Ei, vou desligar que tá chegando a hora dos noiado vir comprar... Vai, tá tudo novo!

Magérrimo, cabisbaixo, fuma os minutos enquanto aguarda a freguesia. Uma criança se aproxima, disfarçada de anão, entrega-lhe algum dinheiro, pega um pequeno diamante e parte. Nem chega à esquina, enfia a pedra pelas narinas e sonha com paquitas seminuas, que descem à sua infância, enlaçam-no pela cintura e o elevam à maturidade rapidamente, fazendo com ele um coito grupal em ciranda-cirandinha, extremamente prazeroso, mas sem tato, e que logo o larga só, com uma ereção pequena e suposta, o coraçãozinho carente e idiota, endurecido, rachado, quebrando e remendando, constantemente e triste.

Segue o tempo até que uma sombra se esgueire rente à sarjeta, nas redondezas. Massa compacta, cerca de oitocentos quilos, é puro músculo e contenção. Aproxima-se silenciosamente em patas redondas de borracha, olhos de luz semicerrada. Encosta no poste e em sua miniatura, abre a asa de metal e colhe o ponteiro para dentro.

– O que é isso!?... Me deixe, me solte!... Conceição, digo, seu Conceição...

– Olá, Claudevan. Vendendo pedra, hein?

– Seu Conceição, seu Carlo!... Ai, meu Deus... Eu só tô aqui com cinquenta conto... Podem levar.

– Enfie esse dinheiro nojento no rabo, seu puto do caralho!

– Não me mate não!...

Pôs-se o pequeno a chorar. Exibiu, nas palmas das mãos, dez diamantes, cinco figurinhas de jogadores de futebol e um isqueiro em forma de vela de aniversário. Espalhou tudo pelo banco, em oferenda.

– Eu só tenho isso... Não me matem, eu não fiz nada...

– Claudevan, é o seguinte, vou direto ao assunto. Eu e o Carlo aqui, que não quer nem olhar na sua cara, estamos querendo uma informação. Eu só vou perguntar uma vez. Se você souber, tá limpo. Se não souber, vai ser lavado de cacete e depois, vala. Ok?

– Mas e se eu não souber o que vocês querem, como eu provo que não sei?

– Quando você estiver devidamente morto, todo furado e arrebitado, a gente vai saber que você estava dizendo a verdade...

– Ai, meu Deus!...

– Posso perguntar?

– Mas e se eu... Eu... Tá... Pode.

– Quem foi o nojento que matou Maria, de punhal, há uns dias? Você lembra, foi bem aqui perto, no grotão... Dou-lhe uma...

– Que Maria?

Soco no estômago, que fez cessar, no ato, o mau contato de que sofria o pequeno poste.

– Não dê uma de doido pra cima da gente! Ela foi estuprada e depois mataram ela, furaram a barriga dela; deu no jornal e tudo!

– Tô lembrado... Agora eu tô... Eu não sei quem foi, mas sei quem talvez saiba dar pra mão de vocês.

– Já é um lado. Prossiga.

– O Ciço Dedé, dono do cabaré que fica...

– Junto à revendedora de gás.

– Isso mesmo... Ele sabe, eu acho, ou pode levantar a fita;

parece que uma das putas dele é até parente do cara... Eu juro que só sei isso...

– E como você soube disso?

– Um noiado do setor me contou. Ele disse que estava fazendo a cabeça por ali quando viu o cara sair do mato onde aconteceu o crime; disse que o cara estava suado e azoado, com cara de doido. Falou que já tinha visto o cara perto do brega de Ciço Dedé, numa esquina, sentado na moto, conversando sem sacanagem com uma puta que trabalha lá, que chamou esse cara de mano, ou foi maninho; a mulher tratava o cara que nem irmão mesmo, segundo o doido me disse; mas ele não disse o nome dela.

– E cadê esse puto desse viciado?

– Virou balão. O gerente da boca quebrou ele de coco, cinco tiros na cabeça; coisa de dívida. Pegou ele na hora da ligeira, na hora da malícia, tá ligado? Era cara vacilão.

– Já serve. Carlo, pare o carro. Valeu, Claudevan; pode ir – e se oriente, hein!

– Obrigado. Desculpe qualquer coisa...

Desentranhou-se da sombra o pequeno poste. Deu treze passos. Eis que, de repente, olhou para o céu e viu um bonito balão junino a elevar-se, levitando docemente. Logo em seguida desembestou, a assobiar, um fogo de artifício em rojão. Estourou e espalhou-se pelo céu, em todas as direções, em cem caudas de um vermelho-cinza brilhante e encantador. Depois tudo silenciou e o chão se transformou em céu.

– Poxa, Carlo, bem na cabeça; estourou os miolos!

– Pena que esses vagabundos não sejam de confiança. Eles dão o informe e depois espalham por aí. Dão com os burros na água, como diz o profeta.

– Tem mesmo é que quebrar. Esse Claudevan já tava durando demais. É como diz a Bíblia: Deus chama os bons; os ruins a gente tem de despachar. Ninguém vai dar falta desse nojento... traficante... tsc...

O barbeiro

*Das mais surpreendentes
é a vida de tal faca:
faca, ou qualquer metáfora,
pode ser cultivada.
E mais surpreendente
ainda é a sua cultura:
medra não do que come
porém do que jejua.*

João Cabral de Melo Neto

José Manoel Bunto, apelido, Bunto. Iria se chamar José Manoel Bento, mas a mão da oficial de registro tremeu ante a vogal E e substituiu por uma linha reta, que envergou em U (curva, retorno, ferradura), numa antevisão do desvio adulto na criança que lhe apresentavam. Os pais, analfabetos, nem se deram conta.

Depois dos homicídios, depois do estupro, depois de se imaginar já quase completo, quase refeito e de pé (ainda não entendia, pobre imaturo, que para o homem rastejante, erguer-se não vai além de sentar), de pistola na cinta e tudo, senta-se ao barbeiro para escanhoar uma barba de dias e dias. Media o tempo do estupro por ela. Os pelos cresciam na exata proporção da grama sobre o túmulo. Regava-as em lágrimas, quase que diariamente, e sempre ao entardecer, ou cedo da manhã, como manda a boa

técnica, evitando que o Sol demasiado queime os pelos, ressecando-os, fazendo-os loiros.

As mãos do barbeiro são dois anjos do sexo feminino. Não há coração forte, rosto enrijecido, alma vigilante que lhes resistam. Elas expressam mais feminilidade que as próprias mulheres, que, se soubessem, tomariam com elas lições de tato e delicadeza – sob o risco de lhes deceparem do dono, com olhos vermelhos de ciúmes.

Bunto não queria mulher, pelo menos por enquanto, mas queria o acalanto. Aquele último orgasmo, o impensado, ainda irradiava por todo o seu corpo longas projeções de fatalidade em amor e morte, sangue e esperma, que o faziam cambalear e perder o travesseiro à noite. Dormia pouco, que os sonhos lhe apresentavam realidade em excesso.

Sentou-se, articulou as engrenagens todas – pistola inclusive –, que necessitavam ser lubrificadas pelas mãos irreais do barbeiro, e com urgência.

Fechou os olhos, e nada conseguiu ver além da presença do carinho paralelo à navalha. As mãos do artista lhe limpavam de pelos, escavando talhos enormes de reboco – espera agregada – de seus brutos contornos elegantes, fazendo-o novamente jovial, embora ainda triste. A caliça caía, abundante, por todo o salão. Seu corpo inteiro lhe subia à cabeça, todos os seus órgãos clamavam em unísono pelas mãos em forma de anjos lactantes. Teve de amarrar-se nos braços da cadeira para não levantar e ferir-se nas lâminas do ventilador de teto. Dormitou. A alma coagulou-se temporariamente.

Terminado o trabalho, Bunto saiu pela calçada, um tanto afeminado, com uma aurora estampada em seu ventre, a pensar que o único ser humano confiável no mundo era aquele barbeiro, que deslizava uma navalha rente à jugular de um bandido e nem sequer pensava, pobre ingênuo, em lhe abrir a garganta.

As estrelas de Alva

Para poder distinguir as fontes de informações, o investigador tem de recorrer, em especial, à Psicologia, ciência que estuda o comportamento humano, mostrando que raça, idade, sexo, educação, estado de saúde, situações social e econômica, ideias políticas, profissão, sentimento religioso e outros fatores, influem nas atitudes dos seres humanos, fazendo-os sentir e agir de modos diversos, em situações idênticas.

Coriolano Nogueira Cobra

É muito triste ver dois cavalos pastando em um jardim. As estrelas de Alva, instantes antes disso, fumavam dó e bebiam perfume. Logo na entrada havia três, em uma mesa. Jogavam cartas. Apostavam, de miseráveis que são, bem-quereres. Uma jogava uma carta de rainha suja, e arriscava as lembranças da mãe, adensadas em duas pedras de naftalina. Outra despejava em copas, engaiolado, o último acalanto que dera ao filho, há dez anos, desde que o vendera. A terceira, desesperada, lançava à sorte, por um coringa, a gravata do noivo eternamente moço, paralisado num adeus que apenas imaginou.

– Boa noite.

– Boa noite, bonitões...

– Vão chamar Alva. Depressa.

– E você agora é dono do ambiente pra falar assim, é? Não sabia que Ciço Dedé tinha vendido o estabelecimento!

Todas riram escancaradamente, cuspidando larvas de mosca e pedaços de lenço de papel.

– Carlo, você tá vendo a ousadia?!

– Pois é, Conceição... Vamos botar respeito nessa pocilga!

De repente aparece Alva, a mulher feita de mármore. Branca, lisa, asséptica por baixo – um ser intocado, a própria contradição. Arrasta seu corpo eternamente manchado de esperma e sangue e pus e catarro, que deslizam e escrevem seu rastro, mas não se lhe inoculam. Segue-lhe uma criança sem sexo, encarregada de limpar o chão. Ela abre os braços e sorri:

– Carlo! Conceição! Tirem as mãos da cintura, meus amores! Desculpem, são novas na casa. Não entendem.

– Alva!... Chegou aos quarenta e cinco do segundo tempo!

– Desculpe, meu Carlo! (...) Suas burras; se orientem!!! Querem fechar a casa, é?!

– Desculpe! A gente não é adivinha!

– Alva, vamos deixar de lenga-lenga. Precisamos conversar...

Em particular.

– Claro. Venham pro meu quarto. Querem beber?

– Não.

– Nem eu.

Entraram no quarto, cheio de relicários e ícones de santos, todos muito maquiados, vulgares, encenando provocações, sodomia, sadismos e penitências eróticas. Ficaram furiosos porque

a estátua de um penitente se adiantou e lhes riscou as costas com uma chibata. Alva desculpou-se, virou o retrato contra a parede.

– Sai daqui, Juninho! Esse viadinho sem-vergonha não pode ver um macho!

– Doidinho pra levar um desacerto.

– Era até um favor que vocês me fariam. Viadinho ladrão, maconheiro. Se ele não fosse meu sobrinho!... Mas, vamos ao que interessa. Em que posso ajudar?

Carlo, solenemente duro, disse:

– Alva, a gente tá aqui por coisa séria, séria até demais. A gente sabe perfeitamente que puta é a criatura que mais mente no mundo; mente por profissão, pra começar. Então, vamos pular os rodeios e dar a coisa antecipada: a gente vai fazer uma pergunta; se você responder, vamos embora; caso contrário, a gente arranca seus dentes de alicate, pega à força em vez de jeito, fecha essa merda aqui e põe fogo em tudo.

Alva tremeu; sabia quanto aquela ameaça era amiga de realizar-se, e leu com clareza no rosto dos cavalos uma enorme potência de desejo. Seu mármore criou fissuras, deixando entrar um pouco da porcaria que escorria.

– O que é? Assim vocês me deixam com medo!

– Quem é a puta daqui que é parente do cara que matou a filha de Doutor?

– Como?! Não sei... Quem sabe dessas coisas é Ciço Dedé. Venham mais tarde, quando ele voltar, e...

Carlo arregalou os olhos em tons de holofote:

– Olhe aqui, sua sem-vergonha, a gente sabe que aquele corno do seu marido lhe conta tudo, principalmente quando bebe; aliás, quando bebe, ele fala demais e vira quenga também. Se a

gente quisesse procurar aquele arrombado não estaríamos aqui, e aqui estamos porque você consegue guardar segredo, é inteligente, e ele, se der a informação, vai ter de ir pra vala depois, porque tem a língua frouxa. Veja que essa consideração por você tá em tempo de deixar de valer um centavo...

– Meus amores... Vocês me comprometem...

– Tá bom, Conceição: sai e manda todo mundo pra fora!... Aliás, antes, pegue o alicate e a gasolina, que essa raiva eu despejo é no ato! Quero ver você não falar...

– Eu digo, desculpem; é a Magnólia, pronto... Ciço só disse isso: “Tô sabendo que a Magnólia tem um irmão, e que o cara fez uma grande merda. Vou arrancar dela o nome do sujeito e entregar à polícia, pra ficar de boa, ganhar ponto com os canas. Depois, rua pra ela!”. Juro. Eu insisti por detalhes, mas ele estava se cagando de medo dessa história; nunca vi ele tão apavorado que não me contasse as coisas. Ele passou uns dias aflito, sem dormir direito, depois se acalmou. Voltei a perguntar, insisti, mas ele disse que eu ficasse tranquila, esquecesse o assunto, que a coisa já tinha se resolvido por si mesma (...) É lasca, a gente não faz nada e a merda suja nosso pé...

– E como ele levantou essa informação? Alguma outra menina poderá saber os nomes?

– Carlo, você sabe muito bem como é o Ciço: conhece Deus e o mundo, todo tipo de gente que presta e que não presta. É difícil acontecer uma coisa por aqui que ele não saiba. Não sei quem disse a ele, mas ele soube, me disse esse detalhe, ficou azoado um tempo, depois aquietou. Quanto às outras meninas, se vocês forem atrás só vão vazar a informação, porque, meus queridos, uma coisa que nem Ciço sabe (afinal, ele ainda es-

tava atrás do nome do cara), nem eu também, elas não sabem de jeito nenhum. Só peço que vocês me considerem, não me prejudiquem por conta desse acontecimento, nem façam nada contra ele.

– É só você manter a boca fechada.

– Isso vocês sabem melhor que ninguém que sei fazer!

Num cantinho, a Magnólia bebe perfume e cantarola “O cravo brigou com a rosa, debaixo de uma sacada...” Tem o corpo quase todo puro, acriançado mesmo, muito bonito – exceto a vagina e os peitos. Da vagina brotam cogumelos mal educados, excretando gordura que mancha a calcinha. Os peitos, de bicos inflamados, pingam saliva e cerveja quente, encharcando seu sutiã. Tem no rosto tristeza em cascata, e um apontamento sempre oblíquo, para um horizonte que naufragou há muito tempo.

– Magnólia?

– Sim.

– Venha com a gente.

– Não faço programa com dois. Desculpem.

– Nós somos da Civil. Queremos conversar.

– Vocês são aqueles dois que as meninas falaram?...

– Prazer. Ande ligeiro...

– Ai, meu Pai!

Era tão delicada, a flor. Tremeu diante dos dentes escancarados, dos olhos agudos dos cavalos; derramou pólen, encolheu as pétalas, chamou chuva. Disse tudo, sem sequer pensar.

– Magnólia, precisamos falar com um irmão seu. Temos informação que ele sabe de uma coisa que pode ajudar a polícia.

– A informação foi errada. Eu juro! Eu não tenho irmão; só duas irmãs, que estão em São Paulo. É que, para meu azar, ou-

tra garota daqui também se chamava Magnólia. Mas ela morreu. Inclusive ela tinha um filhinho, muito bonitinho. Isso bate com a informação de vocês, que ela tinha um garotinho? Ela costumava andar com os travestis da praia da Avenida, porque topava qualquer programa: com homem, mulher, travesti, em grupo e o escambau. Falaram disso? Deve ser ela, não?

– E o que aconteceu com ela?

– Uma noite, já de madrugada, enquanto ela estava batendo papo com os travecos, passou uma caminhonete que, segundo me disseram, estava saindo de uma boate dessas de barão. Os *boys* que estavam dentro abriram fogo, meteram um monte de tiro em cima de todo mundo. Os travecos foram mais ligeiros, e escaparam; mas a coitada levou dois tiros. Passou dois dias hospitalizada e morreu. Foi enterrada como indigente, a coitada que nem RG tinha!

– E o menino?

– Ele ficou sem casa e passou uns dias aqui, mas o desgraçado do Ciço Dedé, quando enchia a cara de cachaça, queria fazer porcarias com o coitadinho. Aí ele foi embora. É bem provável que os travecos daquele ponto saibam dele, parece que ele não tem parentes por aqui; só tinha a mãe, e os travecos gostavam muito do bichinho, tinham um chamego danado com ele. Ele deve saber o nome do tio; com certeza sabe... O ponto deles é no posto de gasolina Aluar, na Avenida Beira-Mar; um posto fechado que o pessoal usa pra fazer a cabeça e pra fazer programa. Não será ela a que vocês procuram? Eles têm ponto fixo lá, não tem erro!

– E qual o nome do pirralho?

– Ciço chamava ele de Loirinho, mas deve saber o nome dele de verdade.

– E as outras meninas sabem?

– Sabem nada! Ciço não deixava ninguém encostar nesse pirralho; ele se apaixonou pelo menino, aquele louco. Até Alva levou um sopapo só porque conversava com ele. E Magnólia era boca de siri demais. A maioria nem sabia que ela tinha um filho, até sua morte; avalie um irmão! E ela está certa. Eu é que sou besta demais; falo da minha família, da minha vida pra todo mundo. É que me dá saudade... Olhe, senhor, se Alva não souber, Ciço sabe; se ele não souber, do que duvido, os travestis sabem.

Os cavalos se recolheram, juntaram crinas.

– E aí?

– Ela está sendo sincera, é uma tabacuda do cacete. Vamos deixar quieta. Vamos atrás dos travestis; eles dão o garotinho pra gente, e o garotinho diz quem é seu tio e... Se a informação foi de má-fé, a gente volta e dá o troco dela. Mas, primeiro, Alva nos deve uma explicação.

– Também acho.

– Obrigado, meu anjo. A gente vai deixar você sossegada. Mas se essa conversa sair daqui...

– Deus me livre! Por favor, não contem pro Ciço!

– Tá bom. Tome dez reais pra tomar uma cerveja sem ter que abrir as pernas.

– Obrigada.

Voltaram os cavalos ao quarto de Alva, que estava de joelhos, velas acesas, pedindo arrego aos ícones.

– Alva, sua puta safada, você tá querendo fazer a gente de comédia? Tá ficando burra depois de velha?

– Por quê?

– Porque você deu a Magnólia errada, que, por sorte, não tem o irmão errado! A Magnólia é a outra, a que morreu, e que deixou um filhinho aqui, que seu santo marido queria enabar.

– Meus amores, eu pensei que fosse a outra; eu estava muito nervosa; eu esqueci...

Soco nos dentes, que fez a alma de Alva ricochetear para fora dos olhos, para fora da mentira.

– Qual o nome do menino?

– Ciço só chamava ele de Loirinho... Ele não me deixava nem falar com o pivete; bateu em mim uma vez que me viu conversando com ele. É melhor a gente colocar logo o Ciço na jogada, que já me arrisquei demais pra ajudar ele!

– Alva, pense direitinho: esse menino deve ter dito ao Ciço o nome do tio...

– Se disse, não sei. Sei que Ciço se encantou por esse porra desse menino de um jeito que só faltava trancar ele num cofre. É melhor chamar o Ciço, não tem mais pra onde correr.

Alva engoliu a ideia com sangue e tudo. Gostou de tomar o soco, porque o soco feriu, também, o cérebro descuidado, de erro imperdoável.

– Ligue pro Ciço, e ponha no viva-voz. Mande ele vir pra cá agora. Antes, pergunte o nome do pirralho, e se ele lhe falou o nome do tio, e depois onde a gente pode encontrá-los, isso por precaução, porque esse putto é ligado e pode desconfiar e não querer dar pessoalmente. É melhor um pássaro na mão.

Ela liga, e é quase de se ver adiante de seus olhos um holograma de Ciço Dedé.

– Alô.

– Ciço, me diga o nome daquele menino que morou uns dias aqui, o filho da finada Magnólia, que você chamava de Loirinho...

– Por que você quer saber? Tá querendo me foder, é?

– Não, pelo contrário. Se liga... Diga, por favor!

– Alva, eu sou o dono dessa merda, e já me passaram quem está aí. Não venha armar pra mim! Sei que não sou santo, mas não tenho nada com aquilo. Vou ganhar o mundo! Adeus.

– Mas Ciço, eles só querem o nome... Eu tô aqui na mão deles!

– Puta merda, Alva, você esqueceu quem são esses dois? Não vou engolir essa. Eles vão arrambar comigo de todo jeito! Adeus!

– Pense, seu frouxo, apavorado, cagão de merda!

Ciço desliga o celular.

Alva, declinando o olhar simpático para a morte, diz:

– Ele vai desaparecer, aquele viado safado; eu conheço... Quando ele perde o controle é foda!

Carlo, escrevendo no rosto roto de um papel com jeito de carta testamentária, diz:

– Tome aqui nossos telefones. Vamos correr por uma linha paralela. Se não der certo, Alva...

– Esperem! Talvez os travestis...

– Já sabemos da história, e a linha é essa. Veja bem: tente levantar o paradeiro desse safado do Ciço, ou outro meio de chegar ao nome do irmão da Magnólia, ou do filho dela. Vamos correr atrás. Se a gente não conseguir, a gente lhe acha, nem que seja no inferno. Duas vezes você não enrola a gente. Ah, e dê uns conselhos à outra Magnólia pra ela ficar de bico fechado.

– Eu vou cooperar.

– Tá com você e a sorte.

A arribação

Bunto, pistola nos quartos, rosto reconstruído, coração ainda úmido, sobe em sua motocicleta e, depois de rodar horas dentro da madrugada, estaciona em um mirante um pouco alto, em frente ao mar. O dia nasce, e os coqueiros se espreguiçam, arrumam os peitos. As ondas mordem areia, e os cardumes saltam, se chocam contra a arrebentação para trocar as escamas enferrujadas. Um caranguejo branco ajusta os óculos e termina de suturar uma ave ferida. Ela se recompõe, agradece e começa a alongar as asas para partir; mas quando lhe dá as costas é mortalmente ferida pela mesma pinça que a operou. O caranguejo branco arrasta-a então para a toca, com a finalidade de aguardar que apodreça (ou cozinhe, ou amadureça, do ponto de vista de um carnicheiro). É que o crustáceo tem pressa, e a natureza é cruel; assim, ele usa de sua excelência em anatomia geral para fazer renascer a presa, e rematá-la (matando-a), que os nascidos duas vezes apodrecem duas vezes mais rapidamente.

E assim segue, aos olhos de Bunto, essa passagem idílica de tempo e paisagem, e mais ainda, com baleias órfãs, tartarugas senis, aves epiléticas, ostras hipocondríacas, tudo em águas de

mentira, que não se pode chamar água esse líquido impotável que cheira a esgoto.

Um vento salobro bate, e se entranha pelas narinas, e intoxica a alma penitente, que tomba, suja-se de areia: põe Bunto a chorar, lambendo maresia dos lábios. O celular toca. Número ocultado.

– Alô.

– É Bunto?

– Quem fala?

– Um amigo. Escuta, vou lhe dar um toque...

– Quem é? Que toque?...

– É de seu interesse; se quiser, eu desligo e você se vira...

– Não... Tudo bem. Prossiga.

– Olha, cara, você conhece o Carlo Magno e o Conceição?

– Não. Por quê?

– Porque eles estão vasculhando atrás de um irmão de uma tal Magnólia, que trabalhava pra Ciço Dedé. Que eu saiba, você é o cara. Então, se liga, que coisa boa não pode vir daqueles dois. Tchau.

Mas Bunto conhecia bem os cavalos bípedes. Conhecia-os de um passado ainda afundado nas palavras em futuro-branco desta história, e que virá à tona no devido tempo. Já não tinha medo deles, nem de ninguém. Só tinha medo de algo em si oculto, algo que se manifestara sobre Maria Silva, algo a que ele não havia dado nome, mas que podemos chamar de Monstro. Antes, uns meses antes apenas, temia tudo: morte, entrevar-se, solidão, cadeia... Mas, estando Maria Silva morta, nada temia, que o ódio (e a fuga em ódio que não começara ainda) lhe invertera o sangue: tingira-o de preto, coagulando em vermelho quando vazado.

Sacou o celular. Consultou a razão. Digitou uns números. Fez duas ligações, e esta foi a segunda:

– Alô.

– Zilma, é o Bunto.

– Fala, velho. Por que tá me ligando?

– Tô viajando; vou dar um tempo fora do Estado, já acertei tudo.

– Como? Por quê?

– É que ele jogou o Carlo e Conceição atrás de mim. É preciso deixar quieto...

– Minha nossa, o Carlo e o Conceição! E como eles descobriram que foi você?

– Não sei se descobriram ou desconfiam, ou se você andou falando besteira por aí, mas não vou dar chance ao azar. O serviço foi bem-feito; vazou de alguma maneira, espirrou merda não sei como. Talvez alguém do setor tenha me visto; sei lá. Mas, se eu souber que foi vacilo seu...

– Claro que não falei nada. Você acha que sou louca, que quero me enterrar? Mas vá; vá depressa!...

– Ainda hoje. Preciso me garantir, preciso de mais dinheiro porque não sei quando ou se volto pra cá. Você sabe que a jogada é alta, e que cobre barato. Agora a coisa é diferente, tá fedendo pro meu lado.

– Vá com Deus. Vou depositar mais uma grana pra você. Se precisar de mais, depois, me avisa.

– Vou mudar de aparelho e jogar esse celular no lixo; já nem devia estar falando com ele. Dou um jeito de te mandar o número novo, se precisar de você. Faça o mesmo.

– Ok. Boa viagem.

As mães sem filho

Cinco manequins tristes embaixo de um poste de luz vermelha. Enormes olhos de boneca, cílios em riste de um palmo de comprimento. Pênis envergados em forma de ferradura, enfiados nos ânus. Cigarros de trinta centímetros nas mãos. Conversam freneticamente tanta heresia que têm a língua protuberante e os ouvidos encardidos e os brincos oxidados. Não gostam de mulheres, que as mulheres são bonecas com as quais deixaram de brincar desde os dez anos de idade.

– Ai, que o movimento hoje tá uma negação!

– Queria estar em casa, com meu homem, tomando um rum...

– Que gato é aquele que tu arrumou, hein?

– É pra quem pode bancar, doida... Quando eu tô com ele, eu sinto tudo!

– Amanhã logo cedo tem duas unha e um cabelo pra eu fazer de umas vizinhas... É que à noite tem baile na Escropio's... Pense num corre-corre! Uma pisa e balaiagem, que nem diz João do Morro!

– Amanhã não entro no batente nem a pau!... Só quero beber um vinhozinho com meu homem, e assistir um dvd novo que

comprei, do Clerissom e Lerissom... E é coisa de luxo, nega: chamo a aviãozinho de bike, ele vai na boca, traz a pedra e a gente faz a cabeça! Depois, banho de espuma e amor até umas horas!

Disse isso e desviou para a lembrança recente por um instante. Recordou a coisa mais romântica que jamais sentiu: na última vez em que seu homem o penetrou, o membro tomou forma de criança. Ele sentiu, claramente, inclusive pela enorme e momentânea protuberância abdominal. Conteve a alegria do momento, disfarçou – seu namorado era muito jovem para querer ser pai. Depois, estando só, pôs-se a saltar pelo apartamento, vertendo leite dos peitos, arreganhando-se e dando à luz flatulências que imitavam perfeitamente o choro de um rebento quando rebenta.

– Ai, que saudade...

– Vamo fumar unzinho?

– Não tenho. Tô com uma pedrinha guardada, mas é pra quando aquele velho aparecer, que eu só vou com ele chapada...

– E o pior é que o filho de uma arrombada paga bem...

– Por isso eu topo aquelas sujeiras. O que a necessidade não faz...

O velho em questão é um infante obeso de sessenta anos de idade. Quando está na cama, regride à condição de neonato, e chupa os dedos, e pede que lhe metam esporas nas ancas, que se cortam e cicatrizam numa fração de segundo. Adoece, tem maileita que só cura com supositório. Chora delicadezas, desaprende a língua portuguesa, defeca mingau. Estando chapado de pedra nas narinas, o feminino consegue chorar de fora para dentro, vomitar a agonia no sanitário, ser babá e madrasta do meninão. Ao fim de tudo, um do par se acalenta no espelho de teto, enquanto o outro fuma uma chupeta, sacada de um maço de chupetas.

Perto dali, a ave escura de asas recolhidas cisca, desliza seu corpo fúnebre em feitio de peixe infiltrado no cardume. Estaciona à flor do asfalto; seus olhos imergem, sua asa abre e um homem se desapega.

– Boa noite, moças.

– Boa noite...

– Ei, eu lhe conheço... Você é o...

– Carlo Magno.

– Ai, meu Deus, o que você quer?

Uma manequim se arreta:

– Ei, mulher, deixe esses polícias pra lá!... Virgem, só porque são da Civil...

– Cale a boca, maluca!!!... Desculpe, Carlo, digo, seu Carlo; ela fumou pedra demais...

– Eu preciso de informação...

Volta a arretar-se:

– Tá pensando que a gente é cabueta, rapaz?!

– Cale a boca, mulher! Escute o que eu te digo! Tá querendo se lascar, é?!

Arreta-se pela última vez:

– Cale a boca nada; maior que tudo é Deus!... E eu não tenho medo desses samango... A gente se lasca toda pra vir um cabra sei lá de on...

O cavalo perdeu a paciência diante do terceiro atrevimento do dia. Enfiou o casco no rosto da moça, de onde voaram uma nuvem de purpurina, vários cílios e uma ninhada de minúsculos girinos. Ela caiu e encostou-se num canto. Aproximou-se o cavalo, numa marcha lenta e objetiva; sacou a pistola, apontou ao pé cabeludo e disparou. O pé transformou-se em pata de cabra, e a

moça cantou uma modinha que há anos não se ouvia – autoria desconhecida ou domínio público, ao que parece.

– Minha nossa! Ligue para a Emergência! O pé dela!...

– Não liguem pra lugar nenhum... Eu quero a informação, e só saio daqui com ela. Ou então vocês todas vão pro pronto-socorro do jeito que gostam: de quatro.

Discretamente, uma das manequins acocorou-se, e se pôs a amamentar a outra, enquanto balbuciava:

– Eu não disse, sua doida?!...

– Ai, meu pé, meu pezinho!...

Olhou para o cavalo com cara de Maria para os céus com filho morto:

– O que o senhor quer saber, seu Carlo?

– Onde está o filho de Magnólia, a vagabunda que andava fazendo porcaria com vocês e que foi morta a tiros? E qual o nome do irmão dela?

– Era só isso, seu Carlo, que o senhor queria saber?! Ah se a gente soubesse antes!...

– Só isso, princesa. Tá vendo como vocês mulheres são complicadas?

– Aconteceu o seguinte: depois que o salafrário do Ciço Dedé tentou tirar o cabaço dele, ele fugiu e virou cheira-cola. Não é difícil achar ele pelo centro da cidade... Ele é loirinho, bem magrinho, de olho verde; uma coisa linda, mas desse tamanho! Também, quase não come nada... Se chama... Sansão! É, Sansão... Nunca vi um nome assim que não combinasse com dono! Sansão... A gente pensa que é um armário, mas é um desnutrido... Sansão... Acho que se o pobre disser o próprio nome, não aguen-

ta e cai de costas (ensaiou sorrir, mas não o fez em solidariedade à amiga de pata de cabra que cantarolava).

– E o irmão de Magnólia?

– Olha, ela nunca falou de irmão nenhum. Ela era muito rodada, sabe? Não abria a boca mais que o necessário. Só trazia o pirralho porque não tinha onde deixar, e confiava na gente, sabia que criança não é nosso negócio.

– Muito obrigado, tenham uma boa noite... Ah, podem ligar para a Emergência, a ambulância não demora, principalmente em casos de bala perdida...

Voltou o cavalo à sombra maciça, que lhe abriu a asa. As mulheres começaram então a lamentar versículos incompletos, verdadeiras carpideiras que insistiam em enterrar uma manequim viva, que, já falando grosso, relutava àquele divertimento sem sentido, à sinceridade exagerada do auto:

– Vocês estão me sufocando, saiam de cima de mim, caralho!... Liguem logo pra porcaria do Samu antes que eu sangue até morrer!

Consolação

...a emoção é acompanhada de modificações da circulação sanguínea; o coração cede; os vasos sanguíneos se contraem ou se dilatam, produzindo, assim, palidez ou rubor.

A respiração é ofegante e sofre perturbações que podem ir até a sufocação. Os músculos se contraem espasmodicamente, independentes da vontade; a garganta fica apertada; há muita vez tremor, gestos desordenados; às vezes são pronunciadas palavras sem nexos; frequentemente as lágrimas correm. Finalmente, nas emoções muito violentas, há, por vezes, alterações das funções intestinais e urinárias.

Armand Cuvillier

O pai da filha morta chega em casa. Olha para a esposa, tricotando tripas em frente a um televisor desligado. Passa despercebido, sem quase pisar no chão. Entra em seu ministúdio e se fecha silenciosamente. Ao redor, o computador e os outros aparelhos eletrônicos, em nada afetados pela dor que o olhar garga-reja e o soluço plange. Senta-se, violão no colo. Pressiona as cor-

das e fere um acorde triste. O instrumento escurece e estremece numa encarnação. A caixa acústica se ilustra de tempo e sonhos aguados. A voz do pai se derrama e o cerca de um monturo de fezes inodoras, até a altura dos joelhos, retidas pelo impecável isolamento acústico.

– Esta noite!, eu queria que o mundo acabasse!!, e para o inferno o Senhor me mandasse!!!... Para pagar!!!... Todos pecados meus!...

Para, contrai o ânus e derrama do nariz um pedaço de vidro. Larga o instrumento, que bate no piso e espalha um som que tamborila mil cacos sobre o porcelanato. Vai dormir, e estranhamente: dormir em escuridão menor.

Sansões

*Faltou luz mas era dia
 O sol invadiu a sala
 Fez da TV um espelho
 Refletindo o que a gente esquecia*

O Rappa

*Quanto às técnicas, todas simples, variam
 dependendo da fibra, da peça que se quer
 fazer e de sua utilização. Por isso, a trama do
 traçado, em alguns casos, é mais apertada e
 noutros mais aberta.*

Carmem Lúcia Dantas

Carlo Magno acorda sempre cedo, muito cedo, o céu ainda lilás de antemanhã. É que dormir se lhe assemelha a baixar a bebê, a voltar-se para dentro, a virar-se de bruços enquanto os viventes do mundo, sinuosos e peçonhentos, se arrastam pela cidade em mil patas, como uma lacraia que fosse escalar pela

janela e se enlaçar ao seu pescoço, ferroando-lhe, num susto luminoso, o abdome adormecido. Dorme na iminência do fim. Dorme com os olhos acesos a lâminas de faca, revólveres, barras de ferro, vigiando o nada sob pálpebras cerradas. Vara boa parte da noite em frente à TV, cara azul, com espectros rodeando-o por fora e lhe zanzando por dentro, todos falsamente irreais. Não tem pesadelos, no entanto. Ou tem, mais assim não os considera, que vertigem e sangue e merda e gritos desesperados são a vida em vigília, e não o sono. Enfim, acorda. Tem calor. Olha para o ventilador e quase o chuta porque crê, ainda entorpecido, que o eletrodoméstico andava a cochilar, displicente, e voltou a girar ao percebê-lo desperto. Um galo canta. Um galo que ele nunca viu. Apenas os gritos roucos ressoam na madrugada como se vazassem de um mal-assombro. Mas ele sempre pensa que essa é uma boa maneira de anunciar mais um dia no mundo: tons semelhantes, semelhante música-tema – deveria o galo também anunciar o sol-pôr, para disparada dos morcegos em geral e sobreaviso dos homens em particular. Acende um cigarro. Olha para o grotão, a lavadeira que passa carregando seu fardo, a água azulada que escorre, os automóveis velhos que transitam. Cospe no chão, sobre uma formiga, que se afoga na gosma. Sente uma vontade tremenda de tomar café. Acorda sempre assim, a cabeça bamba, a língua pastosa, as ideias pessimistas (homologadas pelo galo), sintomas que só cessam com cafeína muita, duas ou três xícaras de café estupidamente forte. Acorda a mulher:

– Por que você ainda está nebulosa e fria, como a beleza que morresse? Morrer não pertence a você por minhas mãos e em minha presença, pelo menos não até este momento; se limpe de morrer, para que eu a distinga, amor (esfrega os olhos, boceja,

volta a fitar a mulher adormecida). Levanta, sonho que rejeito, e me prepara o que beber, aquilo que me eleva da modorra entre o sono e o que diz o galo. Hoje é um dia que já brilha terrivelmente, não por sol, mas por anunciar a ausência de Deus no mundo, e sua morada em mim. Minhas mãos planejam regar a cidade de sangue imaturo.

– Dia, amor e horror da minha vida. Levanto, sacudida feito um pêndulo, do sonho para esta cama, vitrines para seu olhar satânico, vagando entre uma coisa e outra, estreitado o vaivém aos poucos, até parar numa dimensão de fronteira que me projeta pelos olhos e pelos vadios órgãos sexuais toda essa confusão de tudo.

Senta-se, coça a barba malfeita. Acende outro cigarro. Olha de novo para a mulher, ainda sonolenta, que boceja e desliza o olhar pela cama baldia, acomodando-o no chão, despejando pensamentos imprecisos no cimento batido.

Ela se levanta e vai à cozinha, ainda de camisola, cabelos pendentes.

Carlo toma um caneco de café. Sente vontade de defecar, mas antes precisa advertir a esposa:

– Que será o tempo, mulher? Vamos medi-lo como? Pelo passo, pelos acontecimentos? É que hoje, como ontem, e talvez amanhã, eu e Conceição vamos abalar esse tecido instável, que confunde marcha e retrocesso. O sangue derramado embota os ponteiros, encurta uns fatos, estica outros; a vida das coisas que fazemos e morte das coisas que cessamos desmonta a lógica do amor e da carne... Hoje, mulher, será um dia em que grandes formas se erguerão. Espere seu tempo, por meu tempo.

– Esperarei seu tempo, em meu tempo.

Despede-se, monta na motocicleta, aciona o motor com um quiique e dispara, a pensar:

– A vida caindo, a vida morrendo, é como alguém que encolhesse. Porque é uma coisa tão frágil: um ovo de gema vermelha que não merece prosperar. Ora essa, Deus dos homens, por que permite que a ação prossiga, que o projétil avance, que o brilho escoe? Ao sentenciado, a sentença em vice-versa, e vice-versa quanto ao sentenciador. Só o Senhor, quieto, adorando o espetáculo. Eu sou quase analfabeto, tanto que um escritor, neste momento, me empresta a garganta; mas aos olhos não há cartilha, que dela eles não precisam, e a ela eles que ensinam, e, assim, as imagens de dor e lodo me povoam a carne como coisas da natureza em si, subindo além do verbo. Cento e algumas cruces plantei pelo passeio, e me é difícil correr entre elas. Cento e tantas. Não houvesse o Gênesis criado o fogo, nada disso aconteceria. Mas o fogo arde em mim, em meu conceito de realidade, e a fogo sigo, a fogo mato, a fogo se elevam as carcaças que crio, antiescultur de ídolos em carvão.

Passa por um cruzamento, pensando que não deve mais matar, mas matar é necessário – o prazer é consequência: primeiramente vem a sociedade e sua perene necessidade de assepsia, e por ela o sacrifício.

Saiu de casa sem hora para voltar, dando adeus à mulher e remoendo dúvidas resolvidas.

Cacto niquelado

Bunto prende na garupa de sua moto dois alforjes de náilon. Joga dentro umas roupas, dois ou três conjuntos apenas, e outros objetos indispensáveis à higiene, ao sustento, à segurança. Aciona o motor. Sente os pistões tremerem entre suas pernas. Acelera-os em ponto morto, e por seu corpo sobe uma alegria calma, de viagem em início, que logo é pontuada por uma série de preocupações sólidas. Pensa no passado, paralisado e triste; pensa no futuro, de uma visão estreita, imprecisa, com certo gosto de fatalidade. Vai por uma estrada que lhe dará distância, e vai por uma distância que não lhe dará refúgio, mas tempo, talvez muito pouco. Sabe quem são Carlo Magno e Conceição; sabe-o muito bem. Treme ante seus nomes malditos, mas não de medo, nem de ódio em estado de pureza; invade-o sim uma enorme excitação, uma ansiedade que lhe aperta os dentes, retorce-lhe os dedos, estreita-lhe os olhos: “ou matar ou morrer, como disse o filósofo”.

A estrada pela qual segue começa no litoral, com lados verdejantes, muita cana-de-açúcar, caminhões demais. É um trecho perigoso, mesmo para um motoqueiro experiente. Pensa ele:

– Roncam corpo adentro gasolina e sangue; os pneus lambem o couro do asfalto. A motocicleta voa, sem sair do chão. Digo

isso porque ao chão não pertence, nem ao céu, claro, mas mais se parecem com ave o motoqueiro e sua moto, na trajetória aberta, na dependência do vento, no zelo do pouso, na impossibilidade do erro. Mal creio que tão poucas peças, músculos infatigáveis, me levarão daqui a seiscentos quilômetros de distância – o que é outro país, quase literalmente –, por dentro da atmosfera, quase a pé, quase a galope (...) Sou elétrico também, e vulcanizado no verbo e solados, e engulo tanto ou mais combustível... Estou tão apegado ao mundo e tenho tão pouco jeito com a chuva... (obrigado, escritor, por me falar o que por mim não falaria; sou quase um analfabeto).

Para em posto para abastecer. O dia começa a clarear. Enquanto urina, sente o cheiro de vinhaça, misturado à fumaça dos escapes de caminhões e veículos de lotação. Limpa as mãos e pigarreia na pia o catarro da noite. Toma um café com leite, come macaxeira e carne-seca. Olha para a pista, questionando-se se não seria mais lógico regressar e findar de vez com tudo. Conclui que não, que, voltando, é mais provável que Carlo Magno e Conceição o encontrem antes. Descobrirão Sansão? Sim, é coisa quase certa: saberão da mãe morta, procurarão o filho vivo – se é que isso já não estará feito. Pobre sobrinho, que lhe fugiu mil vezes. Morta sua irmã, por uma brincadeira de adolescentes, pensou criá-lo. Não por ela, que nada valia, e por quem não nutria o mínimo afeto, nem o menor dó, mas pelo sangue novo em si, coisa sagrada para ele, que estava, por ofício e arte, tão ligado aos significados da palavra sangue. Não-não: mentira! Amava a irmã, por obrigação da natureza, e estava pouco aí para o sobrinho.

Voltou à moto e desapareceu pelo lombo do asfalto, no sentido norte.

O pai conversa, a mãe escuta

Doutor acorda, encapa o violão, guarda-o num canto. Olha para tudo em volta: a discoteca, o computador, o condicionador de ar, os livros nunca lidos. Deseja tanto a vingança que a ansiedade o faz crer que ela é impossível. Levanta-se, acende um cigarro. Tinha deixado de fumar para poupar a voz, mas cantar agora dói, e fumar acalma. Abre uma garrafa de uísque. Toma uma dose, de um só trago, sem gelo. Tosse. Olha para a foto de sua filha. Nada sente, mas fecha os olhos, evita a figura. É que ele sabe bem: aquela imagem adejará por seu cérebro, no inconsciente fundo, como perdida, mas ascenderá, virá à tona em breve e de repente e sempre para lhe esporar de aguda dor atrasada: “harpia; dor harpia, como disse o sábio”.

Esmaga o filtro. Toma outra dose. Cospe para dentro. Vai à sala:

– Mulher, pare um pouco de tricotar essas tripas. Aqui quem lhe fala é um velho, que como velho fala. Defronte a mim estás, já quase sem beleza, uma ostra lacrada que gesta um passado em pérola. Amo, sobretudo, a mulher que foste, mas respeito a que és, porque tenho honra em armadura sobre meus olhos e sobre meu peito de cabelos brancos. Vês aqui um homem que perdeu a filha, e que mais se importa com o fato de o veres assim, destruído e coxo, que com

tua própria dor, porque um homem na minha idade é uma ilha, onde há uma casa, uma catedral e um bordel, e nada mais...

A mulher pergunta, interrompendo:

– Você chegou?! Os cavalos, fale deles... Os cavalos!...

– Um homem na minha idade é um par de pés sem pernas...

– Os cavalos...

– Se tu não me escutas, não posso falar...

– Desculpas... Os cavalos?

– Claro, desculpar, para um homem da minha idade, é um dos maiores prazeres... Mas, como eu dizia, é triste para mim derramar maquetes de tumbas, chover apelos, rezar por demônios... Um homem tão católico! (...) Procurei-os, e é incrível como ainda estampam nos olhos o meu nome e o que meus olhos viram... Senti-me acalantado por eles, confortado pela morte que ainda trazem nas mãos. Senti-me juvenil, finalmente, ou mais: acriançado. Santos amigos, diletos, que por meu terror espalharão terror, mascarados de minha dor, conscientes de meu desespero!

Senta-se e chora. A mulher lhe toca a mão. Sente-se condenada também, e a consciência lhe pesa ainda mais por fazer o marido voltar a temer a morte, por fazer o marido ter de parar de orar.

– Homem; homem gravado na vida como uma folha de jornal antiga... Amo sobretudo aquele que você é, e odeio aquele que você foi, porque me enchia de chamadas desagradáveis das quais eu não podia me afastar. Tantas vezes o vi ajoelhado diante dos santos, sendo cuspidado e humilhado! Depois você se ergueu um pouco, pôde ver as coisas em torno; pôde respirar, que já nem quase respirava... Agora contribuo para que você afunde no lodo abjeto novamente... Com você eu vou, mas tão frágil e penitente

que não interessa mais a Deus. Quando tudo estiver terminado, acho que não vou querer mais encontrar seus olhos, porque não caberão nos meus, assim estando, os quatro, ao avesso e cheios de pressa, empurrando-se, desesperados, em direções opostas.

Beija a testa do marido e vai à cozinha, preparar-lhe um café e torradas.

Os cavalos como estátuas

*Inutilmente parecemos grandes.
Salvo nós nada pelo mundo fora
Nos saúda a grandeza
Nem sem querer nos serve.*

Fernando Pessoa

O escultor que talhou o rosto dos cavalos não conhecia a expressão curva. Curvas sensuais, curvas sinuosas, curvas dissimuladas, não lhes couberam. O rosto moreno dos cavalos é todo ângulos e planos, forjados em divisas retas. Até as orelhas lhes são pontudas, agudas como as dos dobermanns, atentas como tais tecidos de cães quase cegos. Por isso se destacam suas pupilas, redondos planos de inquietação, brilhantes formas opacas, cristalino tédio contido. Pupilas de fogo negro, coragem desmedida, medo em forma de flechas.

E eram elas, cravadas na rocha talhada das caras, que escaneavam o centro da cidade, à cata do menor deliquescente. Cada praça, cada passarela, cada banco baldio entrava-lhes pela pupila até a cuca como tocas onde buscar a caça. Cada cacho de gente imunda, cada infeliz andante, e o tédio em rastros e carcaças, e

a marola dos desgraçados, a fumaça dos monturos, a pouca luz dos esquecidos; tudo alvos, tudo pragmatismo, humano e sem comiseração. Todos vistos, revistos, questionados; em vão.

Em inquietação seguiam os cavalos, armas afoitas, batidas nos coldres como touros de rodeio em baias; ansiosos pelo diamante da informação: quem é seu tio, menino, que matou Maria?

Mas, nada, nos primeiros dias, de sola a sol. Subiam e desciam, perguntavam, ameaçavam, e nada de Sansão. A raridade dá valor à coisa.

Sentaram os cavalos para beber. O dia inteiro estava neles, colado a ontem; seu peso amplo convertido em cansaço, a cidade nos ombros, o nada enfadando tanto. Era sexta-feira, o céu afundava na noite, a noite entrava em tudo, tudo mudava em coisas noturnas. O bar é acalanto, a mesa é guarida: garrafas, copos, cigarros, toda a vida estreitada ali, depois amplificada no vapor do álcool.

– Cara, será que esse garoto sumiu?

– Ou morreu?

– Puta merda; tomara que não... Estamos correndo contra o tempo. A notícia de estarmos atrás desse cara já deve estar andando.

– E Alva?

– É sem futuro. Ciço não vai dar as caras tão cedo. Só se ela levantar na paralela, mas é uma chance em um milhão; ela vai nem se mexer, que já se melou demais. Esse pirralho é nossa melhor cartada, e acho que a única.

Respirando fundo senso de desengano, Carlo vira para Gabriel e, quase em lágrimas, expressa:

“Exausto, quero falar de exaustão. E na vida só me foi dado conhecer um tipo de cansaço: o cansaço do policial. E é difícil

descrevê-lo porque ele mesmo me puxa pra baixo, afunda a palavra, trava a inspiração. Verdadeiramente, neste momento, estou acabado. É talvez uma vontade de chorar que se converte em raiva. É talvez uma rendição momentânea que me traz à cara um espelho triste.

Sabe que, desde muito tempo, estamos os policiais, em nosso inarredável espírito de matilha, à procura de alguém que, dentre outros crimes, matou uma inocente; inocente a valer: alguém que, a vida inteira, semeou o bem e, num lance de covardia, foi trucidada por um homem igual a mim: cabeça, tronco, membros e alma humana. Quarenta e oito horas de alta tensão e baixo sono: grandes horas de concentração e expectativa intervaladas por cochilos. Os olhares espalhados pelas ruas, os corações à procura de um monstro: o tempo passando, o corpo a se esgotar (cérebro junto), e o cerco volátil se perdendo misteriosamente dos passos do monstro.

(...)

É essa a exaustão que conheço, Gabriel. Essa é minha dor em composição de chumbo. Outros que cantem a sua; a minha é esta. E está, agora, na minha frente: um enorme monólito de impotência. Outra vez teremos de escalá-lo, do zero, para reverter a dor a algo mais doce.

Falo de exaustão, e cada movimento de meus dentes pesa como em gravidade ao quadrado.

Falo de exaustão – murmuro-a. É a palavra que cabe. Palavra que, em si, é o que sou (estou), com sua capa negra e sua imensa propriedade de imersão.

Largo-me ao peso acumulado, deixo o coração sumir. Não é chegada, ainda, a hora de recomeçar. A hora é de paralisia. A hora é de ressentimento. A gestação do reencontro. A exaustão.”

Ditas essas ideias, que deixaram Gabriel comovido, Carlo Magno entorna uma dose de aguardente. Era lava no corpo lasso, no coração sem sentido. Seus caninos cresceram, o olhar tombou e rastejou pelo calçamento, depois subiu para o céu em estrelas, abrindo-lhe videoclipes de canções e violência, de fraternidade e desassossego. Acendeu um cigarro, tragou e bafejou um pensamento certo, novo, inspirado de maldade e amor pelo amigo, pai da filha morta, guardião de quarenta mil reais; doçura grande, doçura maior.

– Velho, tem a dona Rita, ela conhece todos esses vagabundos!

– Porra, como a gente não lembrou dela?!

– Acho que a gente ia numa tara tão grande de achar o pirralho que acabamos esquecendo...

– Topa ir lá agora?

– Agora é que é a hora boa.

Dona Rita já foi funcionária pública graduada, carreira de Estado. Era papel e horas, e cabia certinha numa esteira de dias: ir, trabalhar, voltar – café e leite. Mas, sem porquê, achou de viver na rua. Passo a passo, rompeu selos, percebeu os orifícios do corpo e tomou pavor do que era. Viu vermes no pacato, e flores na incerteza, ardores na penitência. Então, hei-a: indigente e viciada, mãe libertina de três filhos de trinta pais vadios e lazarentos.

Os cavalos fecham a mesa, transpõem a florida noite boêmia e deslizam para os subsolos do firmamento, a noite injetada de

veneno, central e delirante, sepultada no estômago da cidade: paralisia densa. Lá, sob uma ponte entre dois rios, estava dona Rita.

– Boa noite, Rita...

– Boa noite, Carlo Magno. Boa noite, Gabriel Conceição...

– Que boa memória! Lembra até nossos nomes.

– É como se diz, meus filhos: quando a gente sentia dor, não conseguia pensar em mais nada.

– E esses meninos?

– Meus três filhos. Têm, como a mãe, o privilégio da vagabundagem.

– Espero que a senhora não esteja ressentida com a gente...

– Qual o quê! Ainda me masturbo pensando na surra que vocês me deram...

– Safada.

– Sem-vergonha, meu filho; sem-vergonha.

– Escuta, a gente precisa de uma informação muito importante, demais até.

– Notei.

– Como?

– Vocês ainda nem me bateram. Tanta diplomacia!

– Nós, agora, estamos bonzinhos.

– Então perderam metade do encanto. Fica difícil negociar desse jeito.

– Sem-vergonha.

– Que informação vocês querem?

– Cadê um moleque chamado Sansão?

– Não vou dizer.

– Por quê?

– Porque vocês vão matar o coitadinho. Ele é um ladrão tão fino e enganador! Dá gosto de ver. É injusto. Se ele tivesse bom comportamento, daria para a mão de vocês. Mas esse, ah, é um encanto de garoto!

– Olha, Rita, estamos cansados desse seu joguinho de sempre, tá legal? Você vai dizer ou vamos ter de partir pra ignorância?

– Acho que vocês vão ter de partir pra ignorância.

Um dos cavalos arrancou-lhe um filho ao colo. Ela permaneceu indiferente, fixando-o, mortificada, mas mortificada ao avesso.

– Dessa vez, a surra vai ser nesse projeto de vagabundo.

– Vá em frente, quebre-o todo. Depois disso, ele me amará muito mais.

O cavalo levantou o casco, mas olhou para a Rita, e para a criança, e viu que esmurraria uma ponta de faca. Rita era assim, toda refeita e desfeita, toda final sem começo. Sacou, então, a pistola, e a apontou para a cabeça da criança. Rita, imparcial, disse:

– Isso, mate; depois mate os outros dois. Vou adorar vadiar com esses homens sujos da rua para refazer minhas crias. Vocês, mais que ninguém, sabem que somos como ratos ou coelhos, no que diz respeito à procriação. Se não fossem tão ignorantes, eu poderia dizer que somos verdadeiras hidras, mas esqueçam. Vamos, matem... Por que perder para o sentimentalismo? Vocês estão frouxos agora?

Um sol vermelho nasceu no estômago do cavalo. Ele ainda pressionou um tanto do gatilho, encostou o cano nos cabelos de argila da criança, mas volteou as ideias e as refez. É que um anjo desceu sobre o cavalo, alisou-lhe o corpo, esfregou-se nele, lambeu-lhe o pescoço e lhe sussurrou uma ideia aos ouvidos.

- Gabriel.
- Fala, Carlo.
- Pegue os outros dois meninos.
- Pra quê?

– Vamos levá-los ao Conselho Tutelar. Vamos providenciar a adoção deles. Ninguém merece esse destino. Eles têm direito a uma vida normal: crescer, estudar, trabalhar. Ela não vai dar a informação. Hoje, amigo, nós perdemos.

Rita revirou os olhos, partiu a máscara, desandou a tremer:

- Não, não! Matem a gente, espanquem, atirem!
- Você não serve, Rita; não vai dar a informação, reconheço.

Pela primeira vez, quero fazer uma coisa boa, pra meu acerto de contas com o diabo. Desejo que você seja feliz com sua escolha, mas eles não pediram por isso. Vou levar as crianças pra adoção por uma família normal. Acho que você está certa. Estamos velhos e frouxos. Não aguento mais essa guerra, tanto sofrimento! Hoje, pelo menos hoje, vou dormir sossegado. Tem outras maneiras de achar esse pirralho.

A inteligência de Rita foi imediatamente decomposta. A ilusão maior da loucura transfigurou-a, e a luz intensa do devaneio cegou-a para a artimanha evidente.

– Não! Não! Não!!! Não... Mais carne aos vermes, não! Minha carne aos vermes, não! Os malditos vermes. Não façam isso, rapazes, não mereço voltar para lá por interpostas pessoas. Logo vocês, tão parecidos conosco! Por favor, matem os três; ou eu mato, eu mato, me deem...

– Adeus, Rita, e testemunhe, no inferno, que fizemos esse bem a essas crianças.

- Tá bom, eu digo; digo tudo! Devolvam!

Os sete passos da amarelinha

O trato com crianças requer cuidados especiais, porque se deve levar em conta que, embora elas possam ter perfeitos os órgãos dos sentidos, têm a percepção prejudicada pela não completa capacidade de apreensão, isto é, os seus sentidos podem captar as sensações, mas estas não são interpretadas corretamente, em razão do desenvolvimento intelectual incompleto e também pela falta de experiência.

Coriolano Nogueira Cobra

O menino é um boneco de canelas finas, recolhido num canto, todo abraçado a si. Os invisíveis fios suspensos que o animam estão, por agora, frouxos, e ele dorme, sonhando com uma paisagem imóvel: a cidade de pedra, cor de cinzas, pacificada e inútil.

Mas é breve a ausência do que há por fora; o que há em torno está sempre espreitando o menino, chegando-se a ele com outra criança, só que mais curiosa e má; pura infantilidade. Cutuca-o a cidade, faz-lhe abrir os olhos. Um belo menino loiro, um es-

trangeirismo em carne e ossos que atrai tudo para ele, tudo a favor e contra o pobrezinho: tarados, delicadezas, altruístas de ego grande; a polícia.

Rapidamente, levanta-se. Sente o chão sob os pés descalços: mau sinal. Pega uma garrafa de cola e aspira uma alma que há nela, e que, como cartas de baralho, germina do tóxico para viver no côncavo peito uns breves instantes.

Vai à rua e, mal estende a pequenina mão, ganha um dinheiro. É que o menino parecido com ouro atrai ouro de gente decadente, que lança louros e ouros aos loiros; espetos e esterco aos pretos.

Desse dinheiro, faz uma passagem de ônibus. Linha lotada. Os fios loiros circulam pela multidão de gente adulta, que olha abaixo e vê apenas a cabeça do anjinho de boa genética. Sorriem até de vê-lo, um sorriso que se reflete no rostinho doce de Sansão-artista, cuja mão invisível saca da bolsa de alguém uma carteira.

Desce o menino, em uma parada de ônibus. Ponto lotado. Os fios loiros circulam pela multidão de gente adulta, que olha abaixo e vê apenas a cabeça do anjinho de boa procedência. Sorriem até de vê-lo, um sorriso que se perde do rostinho aflito de Sansão-drogado e fugidio, cujas mãos trêmulas lançam à boca uma pedra fumegante de *crack*.

Depois, foi olhar para cima e ver dois homens agigantados, duas estátuas de pernas enormes e cabeças minúsculas. Em torno deles, eles mesmos voejavam, em imagens multiplicadas que não saíam de junto da carne, da solidez central que Sansão notou, e notou também que lhe direcionavam maldade. Mas delirava, o pequenino, e a maldade, converteu-a em brincadeira, viu-a pega-pega, e sorriu para os dois, um sorriso assim puro, de colegial, largo, luminoso, explodindo bons adjetivos.

Danou-se a correr, às gargalhadas, por entre os barracos de papelão. Olhava para trás, e os gigantes sorriam na debandada, divertiam-se com ele.

– Mancha!

Disse, encostou-se à parede e esperou, convicto de imunidade, que parassem ambos os seguidores, em respeito às regras da brincadeira.

Mas o pega-pega virou esconde-esconde, e de repente ele sorria no esconderijo do porta-malas de um carro noturno, que o levava a algum lugar encantado.

– Cócegas!

Num canavial, enchiam o moleque de cócegas. Grandes pancadas de cócegas que lhe faziam explodir de gargalhar.

– Quem é o seu tio, moleque filho da puta?! Pare de rir, caralho!

– Não digo; nem digo!!!

– Porra, Conceição, nada é fácil com esse povo! O pivete já tá banguela e não solta nada... Só faz rir, esse porra-louca.

– Nunca vi um noiado mais baratinado que esse.

– Vamos usar o cérebro novamente... Me vê aquelas pedras de crack que estão no carro, que eram do Claudevan. Vamos ver se a gente compra ele.

Os doces, expostos nas mãos mágicas dos gigantes, dançavam no olhar pedinte do menino, e já tudo virava rifa, jogo de perde-e-ganha.

– Eu quero; eu quero!

– Quem é seu tio?

– Bunto, tio José Bunto! Manda pra cá!

Reuniram-se os cavalos para ruminar, enquanto Sansão afundava no etéreo doce crocante.

– Porra, Carlo, o Bunto!

– Mas esse filho da puta não é disso... É um cara até que eu admiro; bandido valente, gatilho reto... No entanto, faz sentido. Ele encarava uma dessas; matar a filha do Doutor... Encarava, ele é um dos poucos que faria isso; é vaidoso, é disposto, gosta de desafio. O estupro ele vai ter de explicar pessoalmente...

– Pois é... Tá na vez dele!

– Vamos atrás... Ô pirralho, dá teus pulos!

Sansão voltou a sorrir, que agora o chamavam ao jogo de amarelinha, e ele gostava muito dessa brincadeira. Levantou-se, o olhar agudo, e começou a saltitar sobre o antiquíssimo desenho de duas cruzes casadas no chão. As perninhas magras voaram à casa um, equilibraram o corpinho num pé só; abriram-se nas dois e três, depois se reequilibraram na quatro; voltaram a abrir-se nas cinco e seis, e quando, caindo na casa Céu, ele deu um levante de alegria, uma pedra de bodoque lhe veio na nuca, e ele voou, vertiginosamente, sobre o mar, rumo à terra do nunca.

– Vamos nessa. Precisa nem enterrar. Agora só falta um.

– Demorou...

O sertão é em nós

A alucinação é a percepção de sensações sem haver cousa ou pessoa que realmente as cause.

É a sensação sem o estímulo exterior.

A alucinação visual é a visão de cousa ou pessoa inexistente. O medo, a sugestão e a intensidade de um desejo podem produzir esse fenômeno.

Coriolano Nogueira Cobra

A manopla que o punho gira faz a motocicleta engolir com mais avidez outro tanto de asfalto. O vento aumenta sua pressão contra o corpo e parece que, deixando a paisagem rolar e desaparecer pelas costas, destrói-se o passado e as cidades de antes desaparecem. Mas lá está, comprimido no capacete, o crânio, cujas memórias não saem da fibra; ficam dentro do espaço restrito, girando, rebatendo nas orelhas, cutucando os olhos, cuja fixidez tensa no perigo que é pilotar uma motocicleta perde-se, e deixa a cargo de um olhar automático de preservação inclinar-se em curvas, escapar de buracos, cortar carros

e caminhões, controlar o motor viciado em gasolina, inconsequente suicida da velocidade.

Era assim para Bunto: acelerava, passava de cento e oitenta por hora, mas apenas por um instante se afastava dos corvos que, meio à moda do poeta, alcançavam-no para bicar o coração. Tudo doía, tudo pedia a morte: passar direto por uma curva, bater de frente numa carreta; mas uma mão misteriosa, a que chamamos instinto de sobrevivência (mas que para ele era, apenas, o monstro), conduzia-o em revés.

E esses corvos eram emissários do monstro, o monstro do estupro que se escondia atrás do monstro do homicídio, e que o assaltou quando em frente a Maria Silva. Leal ao monstro do homicídio, feito velho compadre, Bunto jamais imaginou que ele traria sob o sobretudo aquela criatura rápida e ardente, que o ganharia num espetáculo de prazer descomunal sobre o abismo, abismo ao qual seria lançado das garras do prazer, tão logo evacuado o vulcão de virilidade que lhe injetara o monstro.

Achava Bunto que, afastando-se do litoral e entrando na aridez sertaneja, também ele, ensopado por um sentimento de sangue, lágrimas e outras secreções, secaria. Não se iludia demais: cria que converteria, feito cadáver, a caveira, a coisa dura de andar riste, couro seco, lágrimas de poeira. Seria mais fácil ser assim que ser amolecido, encharcado de dor, decomposto feito lama de mangue. Robotizado, um cacto humano, poderia conviver consigo, alhear-se numa existência meio inumana, e esperar morrer.

Mas não foi o que aconteceu. À medida que o vento quente jorrava pela jaqueta, que a paisagem secava entre grandes pedras nuas e que a vegetação tomava aquela feição ríspida, sua alma,

como estufa, apenas condensava umidade. De líquido, o coração de Bunto tornou-se apenas pegajoso, e, feito corpo estranho outra vez, ele se sentiu mais exposto nos descampados sertanejos.

Já havia passado por Patos da Paraíba (chorou ao ver as homenagens póstumas à menina-criança assassinada, milagreira infantil de Patos. Esta criança, filha de retirantes, adotada por tradicional família local, foi escravizada e trucidada; acima de seu cadáver ocultado ergueu-se o Santuário da Cruz da Menina, que olhou para o Bunto pelas janelas da bilheteria e quase fez com que seu capacete explodisse em agonia), Santa Luzia e outras cidades varadas pela imensa rodovia. Parou em Pombal e entrou numa *lan-house*. Verificou o saldo de sua conta-corrente. Zilma havia depositado cinco mil reais. Dava para se virar, por algum tempo, já que, do que recebera inicialmente, gastara quase que só o de comer – e quase não comera nada.

Sacou o celular:

– Isael? É Bunto...

– Que Bunto?

– Bunto, o Nenén de Galdino, que lhe ligou há uns dias, velho, já esqueceu?

– Ah, e aí Neném?! Mudou de telefone, garanhão? Olha, a chave tá debaixo do cocho, no chiqueiro dos bode.

– Valeu. Já transferei o aluguel pra você. Bico calado.

– Ok.

Voltou à estrada. Passou por Catolé do Rocha e lembrou do videoclipe de Chico César correndo com as crianças, lindos anjos de feiura terna. Comoveu-se novamente. Por que não nasceu assim, artístico? O cara sai de um lugar tão longe para viver de música, mas outro parte do mesmo setor para viver de desgraça. Um toca violão e espalha acordes feito milho aos pombos; outro

toca bodoque e abate aves rapineiras de chumbo nos corpos; um
constrói novos mundos; outro destrói mundos feitos. Um ama;
outro estupra. Chorou outra vez.

Uma casa sobre a pedra

*...beleza na pobreza é qui vim vê
vim vê na procissão do Louvado-seja
I o assombro das casa abandonada
côro di cego na porta das igreja
I o êrmo da solidão das istrada...*

Elomar

A casa do sítio ficava em cima de uma pedra; a pedra era o ovo que a casa chocava, mas o ovo também chocava a casa, e Bunto ardia e transpirava dentro dela. Afundava a rede de balanço numa bacia com água, ligava o ventilador e deitava só de cuecas, mas não se passavam vinte minutos e a rede já estava seca, e o suor lhe escorria pelo peito e pela testa.

A casa, de mobília, era só quase casa: um banco velho no alpendre, uma mesa na cozinha, sem cadeiras, e uma cama num dos quartos, sem colchão. Fogão de lenha. Água de pote. Banho de cuia. Bunto vivia mesmo era na rede de balanço, ouvindo rádio, quando distraído, e espreitando o monstro, quando atento.

No terreiro havia um chiqueiro velho, onde ele escondeu a moto, e uma cerca arreventada, que uns bodes e cabras vindos

dos confins do inferno invadiam para mascar pedras. Eram uns bichos filosóficos, com jeito de eruditos, pois pareciam saber de tudo e entender de nada; pois, a distância, badalavam os sinos que traziam nos pescoços como anunciando solenemente a chegada de um avatar profético, mas exibindo depois apenas a pura intenção de mascar da esquerda à direita, repetidas vezes, o mesmo capim de desde sempre. Tinham pavor a Bunto, que não podia sequer se mexer para fazê-los estourar o caminho de volta.

Uma cisterna também havia, que colhia água em tempos de chuva. Incrivelmente, ainda estava pela metade de água barrenta, mas boa.

No mais, uns pés de juazeiro e uma mangueira mais abaixo. O entorno era mato seco, pedregulho e desolação, casas abandonadas (mas repletas de fatos) e jumentos sem dono; um aspecto de mal-assombro por dezenas de hectares em volta.

Seresta a sangue-frio

Os jovens, embora já com melhor compreensão daquilo que seus sentidos assinalam e também com mais recursos para o relato dos acontecimentos, devem ser olhados, também, com cautela. Atravessam eles o período em que os seres humanos dão, em geral, exagerada importância a si mesmos, com tendência a se julgarem mais capazes do que realmente são.

É o período em que adotam ares de comiseração em relação aos que já atingiram plena maturidade, achando que estes últimos, vivendo do passado, não estão em condições de bem compreender o presente.

Coriolano Nogueira Cobra

O coronel da reserva João Batista Dias, conhecido por Doutor, ex-Secretário de Estado, estava sentado em sua cadeira de vime, na varanda confortável de sua casa, em frente a um jardim antigo, que ele mesmo plantou e viu crescer. Ao seu lado, numa mesa de apoio, havia um cinzeiro cheio de bitolas, um cigarro aceso e um copo de uísque, tocado por uma garrafa à metade. As

três unhas dos dedos indicador, médio e anular da mão direita, crescidas para melhor ferir as cordas de seu violão de madeira nobre, tamborilavam nas fibras do braço de encosto, enquanto os dedos da mão esquerda, de unhas curtas e calejados de atritar-se com trastes, cordas e madeira nobre (o polegar na primeira falange, e os demais nas pontas), confiavam o bigode longo e elegante, impregnado de tradição e nicotina. Seus olhos, de um verde escondido em castanho, estavam marejados de lágrimas, e fixavam-se em terra de ninguém. Era, realmente, um coronel, com ouro no pescoço e abdome protuberante; autoritário mesmo em solidão, e cheio de poder na iminência de cada movimento; mas, estando lá em sua cadeira, meditativo e enlutado, dir-se-ia ser um Buda sofredor, maltrapilho e inconsistente, e inábil, de toda a alma, para alcançar a grandeza que fosse.

Por uma passarela coberta de trepadeiras floridas entram Carlo Magno e Gabriel Conceição, trazidos por uma empregada da casa. Doutor olha-os com doçura e pede que se sentem. Manda vir um copo para cada um, e outro maço de cigarros. Os cavalos bebem e fumam, mas não ousam encarar o chefe triste porque ainda trazem no coração e nos olhos um frenesi violento e contente de caçadores bem-sucedidos.

– E então, meus amigos, alguma novidade?

– Sim, senhor. Carlo vai dizer.

– Doutor, quem matou Mariazinha foi o Bunto; lembra dele?

Os caninos de Doutor cresceram. Sua postura se recompôs numa retidão militar. Seus olhos secaram imediatamente.

– O quê? O Bunto?!

– Sim, senhor.

– Informação segura?

– Cem por cento, chefe. Não há dúvida. Pode confiar.

E explicaram toda a metodologia investigativa que conduziu à elucidação.

Convicto, mas atarantado, seguiu Doutor a especular:

– Mas aquele filho da puta nunca foi disso... Era matador, e dos bons; considerado até pela polícia... E ele sempre teve namoradas, e putas à vontade... Por quê?

– Também não entendemos. Talvez por maldade, para nos desafiar, porque é claro que ele sabia que ela era sua filha... Talvez ele não tenha resistido à tentação...

– Mas aquele canalha já matou muita mulher; matou até uma vagabunda muito gostosa com o amante num motel, botando chifre no esposo, e nem assim, nem em ocasião em que um estupro passaria de graça, ele fez nada... E por que matar Maria?

– O senhor já fez algo contra ele, ou contra alguém da família dele?

– Nunca!

Nesse momento aparece Zilma pela varanda. Já havia falado com a esposa de Doutor, tendo se desculpado por demorar a vir dar uma força, mas afirmando que queria deixá-los um pouco a sós, pois imaginava que só atrapalharia se viesse nos primeiros dias etc. Ao deparar com os cavalos e com Doutor, ela parou. Os seis olhos fixaram-se nela, suspendendo o papo imediatamente. Como ainda havia um rescaldo de ódio e inquisição nos três, a coisa contra Bunto borrifou em Zilma, que em erro leu nas faces uma acusação categórica contra si. Ela tremeu dos pés à cabeça e, deitando a racionalidade por terra, saiu correndo pela casa adentro.

Carlo foi na veia:

– Ela sabe de coisa! Veja o jeito dela! Tem treta aí, meu chefe!

Doutor, olhos agudos, determinou:

– Peguem essa cachorra.

A mão de Zilma já quase tocava a maçaneta dos fundos quando ela recebeu um violento repuxo pelos cabelos, que a levou ao chão. Carlo arrastou-a até a varanda.

Doutor chamou a esposa e rosnou:

– Mulher, mande todo mundo embora, e solte os cachorros! Não quero nenhum empregado aqui! E você, vá para a casa de sua mãe e não saia de lá enquanto eu não mandar! Bico calado. Alguém viu essa menina entrar aqui?

– Não. Eu mesma abri a porta pra ela. As empregadas estão na lavanderia. O jardineiro só vem amanhã.

– Ótimo.

– Que está acontecendo, João?

– Minha filha, já sabemos quem executou nossa menina, e essa vadia se assustou e correu justo quando discutíamos o assunto; ela sabe de mais coisas; veio espionar, essa puta. Agora, saia, por favor.

A mulher tremeu o queixo, olhou para Zilma no chão, e emendou, em fundo tom enigmático:

– Tem coisas, João Batista, que só uma mãe percebe; essa menina é amiga estranha, amiga de ninguém. Nunca me entrou direito. Você está com a razão.

E saiu.

– Carlo, Gabriel, levem ela até meu estúdio!

Sentaram-na numa cadeira e lhe amarraram pelos punhos nos encostos. Enquanto isso, Doutor ligava o som em alto volume, para abafar os gritos da tortura.

Era um disco de Nelson Gonçalves. Doutor pegou o controle remoto, refletiu e, olhos acesos, programou o aparelho para repetir a primeira faixa.

Boemia, aqui me tens de regresso, e suplicante eu te peço, a minha nova inscrição!

– E então, Zilma (disse Doutor), por que você correu daquele jeito?

Voltei pra rever os amigos que um dia eu deixei a chorar de alegria, me acompanha o meu violão.

– Olhe aqui, Zilma (disse Carlo), eu sou um tira, e sabe o que isso quer dizer? Que sei tirar as coisas: uma puta, um drogado, alguém com culpa no cartório... Sua reação foi certa, e eu lhe conheço desde criança, brincando com Mariazinha; sei que isso foi anormal. Você deve, ou sabe quem deve. Você era a mais chegada dela. Fale logo o que aconteceu e diminua seu sofrimento.

Boemia, sabendo que andei distante, sei que essa gente falante vai agora ironizar.

– Tio João (disse Zilma), o senhor sabe muito bem que meu pai é promotor de Justiça! Acho bom parar com isso! Vocês enlouqueceram!

Ele voltou, o boêmio voltou novamente! Partiu daqui tão contente! Por que razão quer voltar?

– Zilma (rosnou Doutor), o corno que te gerou ou a puta que te pariu podem ser os donos do mundo! Vou te mostrar o que um homem que não tem o que perder pode fazer...

Doutor abriu uma gaveta e sacou uma tesourinha de cortar unhas. Gabriel já se ligou na fita e imobilizou os dedos de Zilma. Doutor cravou a ponta por baixo de uma unha, lentamente, até o talo do osso, lembrando bem das palavras da mulher: “Você está com a razão”.

Acontece que a mulher que floriu meu caminho de ternura meiguice e carinho, sendo a vida do meu coração, compreendeu e abraçou-me dizendo a sorrir: meu amor você pode partir, não se esqueça do seu violão.

Zilma berrou, chorou às escancaras, atônita ao descobrir como é possível haver escondida numa fraçãozinha do corpo uma dor daquele tamanho, que exploda num clarão desesperador, que nos faça renegar o corpo, renegar a vida, renegar a alma.

Doutor manteve a tesoura lá dentro. Olhou para Zilma, ainda desencontrada de pavor. Girou a tesoura uma vez. Zilma desembestou a gritar. Ele parou.

Chorando, ela disse:

– Fui eu! Pronto! Me matem logo, mas parem com isso!

Doutor girou a tesoura novamente. Ela desatinou, acabou-se de desespero e sofrimento, babando, chorando, implorando misericórdia.

– Explique-se (disse Doutor).

– Ela me rejeitou, então, com ciúmes, eu contratei um pistoleiro (ela olhou para a tesoura) chamado Bunto e acabei com tudo. Pronto, foi isso. Ligue pro meu pai, eu confesso tudo diante da polícia... Mas, por favor, tire essa tesoura daí!

– Você está afirmando que minha filha era lésbica?

– Não era, infelizmente, mas eu sou! Se o senhor não tivesse sido tão rigoroso na criação dela, talvez eu tivesse uma chance...

– Quem mais está metido nisso (perguntou Gabriel)? Como você conheceu esse puto?

– Ninguém mais! Meu pai falou desse cara, estava com medo dele porque estava movimentando um processo contra ele, por pistolagem. Um dia ele estava com os autos desse processo lá em casa.

Eu peguei e li toda a história. Vi que ele tinha coragem, e que era discreto, pois o processo era quase sem indícios dele e nem sequer mencionava o mandante. No interrogatório estavam todos os dados dele: nome, endereço, e até o telefone. Entrei em contato, e o resto vocês já sabem...

– E por que (Doutor novamente) aquele canalha a estuprou? Você mandou, não foi?

– Por que mandaria? Eu queria ter ela pra mim. Por que mandaria a porra de um homem possuir o que eu não podia possuir? Ele fez porque quis, aquele fuleiro... Agora liguem pro meu pai, eu já disse tudo. Já confessei. Quero depor diante de um delegado. Tirem isso da minha unha!

Doutor chamou os cavalos ao corredor e sussurrou:

– Carlo, Gabriel, peguem meu barco, que está ancorado na beira daquele açude maior da Fazenda Formosura. Tá aqui uma cópia da chave. Vou ligar e mandar o gerente sair com todos os vaqueiros; e, se ele não estiver ficando esclerosado, vai lembrar dos procedimentos. Amarrem essa piranha numa rede tripla de náilon grosso e malha fina, que vende lá em Zeca Pescador, na beira da lagoa; prendam numa pedra e deixem ela se afogar, mas lembrem das amarras: cinco voltas de malha pela pedra e duas no conjunto já traçado pelo corpo, que essa quenga não boia nem com o cacete! No caminho, maltratem e arranquem dela onde encontrar o safado; mesmo arrancando, maltratem mais... Agora são oitenta mil reais: quarenta por Bunto, quarenta por ela dentro da lama. Espero vocês voltarem.

– Sim, senhor. E o pai dela?

– O pai dela... Aquilo eu conheço, e vai longe de ser um cabra-homem. Faz medo a ninguém. Vou dizer que a filha era sapatão,

endoidou e fugiu. O cagão vai entender, mas vai engolir a dor, porque o cupim sabe a madeira que pode roer. Ele tem mais dois filhos pra se ocupar em manter vivos; mas a minha era filha única...

– Mesmo assim, por ser filha de autoridade, por que a gente não simula um assalto, ou acidente, meu chefe?

– Porque eu quero pescar em cima dos ossos dela.

– Sim, senhor. Agora mesmo.

Vá embora, pois me resta o consolo e alegria de saber que depois da boemia é de mim que você gosta mais!

O preto no branco

Tais feridas possuem bordos nítidos, lisos e regulares; ausência de outros vestígios traumáticos em torno da lesão; regularidade do fundo da ferida, que não apresenta pontes de tecido nem regiões mortificadas; secção perfeita dos tecidos moles subcutâneos; hemorragia geralmente abundante.

Hilário Veiga de Carvalho

José Manoel Bunto. José. Manoel. Bunto. Manoel. Bunto. José. É este, acredite ou não você; é este que se olha no espelho e que é você mesmo, sendo você em duplicata, acredite ou não – quem se importa?

É você: deste espelho retorcido, trincado; deste espelho cheio de impigem nas quinas, que lhe reflete. Acredite ou não, mas é isso mesmo: o tempo de agora existe, o passado lhe deu causa e você, seu desgraçado (que se olha e se detesta), estuprou e matou a menina. Como? Ninguém se importa! Estava planejado? Ninguém se importa! Que é o monstro? Ninguém se importa.

Carlo Magno Santa Cruz, investigador; Gabriel Conceição, investigador. Já é vem. Já é vem, oh morte!, e não a galope, classicamente, mas sobre os trilhos, fervendo em ferro e carvão e vapor ao objetivo – máquina irrefreável.

Mas, deita um pouco nesta rede sertaneja, Bunto, e mastiga uma pedra de rapadura. Vê este bode que pasta? Lembra do velho que você matou? Lembremos, enquanto ainda lhe é dado ter memória.

Primeiramente é de se considerar que há barulho demais nessa lembrança em particular, e que imagens sujas de cor e fuligem se confundem muito em torno de tudo. O fato, exato como um círculo, aí está, mas sob essas coisas todas que a cidade lhe jogou por cima ninguém há de entender nada.

Veja, Bunto, que o que há aqui não é uma composição de grafite em muro de execução, nem algo em que possa entrar a sonoplastia de engarrafamento e taquicardia, ou a perspectiva aeronáutica de uma câmara de cinema. Nada disso: isto é literatura: é preto no branco e silêncio – quando muito, a subvocalização.

Então, comecemos a tarefa maçante de lhe limpar a lembrança das imagens e da zoada gris, porque o que se quer, e já se lhe disse isso, é a literatura quadrada do dia em que você matou aquele velho.

Assim, Bunto, indago:

– Que será esta carcaça de criança, de cabeça enorme e corpo diminuto, que há da esquerda ao centro de sua lembrança? Por que ela tem a boca escancarada e umas coisas em inglês na blusa?

– Ela estava pintada no muro. Fixei-a por um momento. Ela estava pintada em uma terra irreal, cheia de pontes em ilhas impossíveis. Os garotos da Febem haviam feito aquele trabalho;

grafitaram por dois dias. Fiquei pensando: deve ser esse o jardim do éden deles; quando a gente os mata, acho que eles vão para esta terra desproporcional. Uma terra muito roxa, por sinal. Talvez algo de hematoma reste, e passe junto; ou algo de carne podre a céu aberto, de um céu a outro vá; não sei bem. Quanto ao inglês, acho que talvez seja uma língua adequada àquele mundo enlouquecido.

– Você parece mais inteligente.

– A mesma idiotice de sempre, maquiada por um escritor – que nem é essa coisa toda. Se eu tivesse aprendido a escrever, faria melhor.

– Sei. Será que nós poderíamos remover esse quadro da frente? De que lhe vale ele agora?

– Remova. Isso é lixo. Mande a um porão qualquer da memória. Pena que não dê para deletar logo essa porcaria toda que me revolve a cuca. Se eu pudesse restaria em mim apenas um link para uma prece doce e esperançosa, que eu ativaria entre a percussão da espoleta e o contato do projétil que há de acabar comigo.

– Certo, vou retirar. Mas, calma: você ainda está vivo.

– Agora estou, e em câmera lenta, com você, memória, espírito, ou coisa que seja, a me aborrecer no ócio enorme desse sítio em que me entoquei. Mas, breve, em velocidade multiplicada, minha morte será mais rápida do que se possa enxergar. Será impossível captá-la num texto.

– Talvez. Mas vejamos agora o que há ante o grafite: um fluxo de carros que valei-me Deus!

– É, lembro bem. O velho vinha de carro. Uma verdadeira armadilha para ele. Uma coisa lenta, parada no trânsito. Foi um serviço bastante fácil.

– Mas, Bunto, é muito barulho! Não cola com a escrita, entende? Nem dos tiros quero a zoada. Quero, como já lhe disse, isto: um fato reto e silente, em linhas de palavras.

– Mas eu não atirei nele. Matei-o com uma navalha.

– Por quê?

– Não sei. Estava cismado. O estampido, o porte ilegal, todo mundo olha... Além do mais, e sobretudo: a mesmice dos disparos, da estupefação da vítima etc. Sabe lá!

– Sim, mas, voltando, posso retirar a cena?

– Claro. Deixe só o desgraçado desse velho e a lâmina lhe cortando a jugular. Deixe tudo preto e branco, como quer; tanto faz. Só o vermelho do sangue, acho, seria bom que manchasse esse negócio, esse cinema quase mudo que você tanto curte; mas também nem ligo. Arre, isso de nostalgia cansa a gente...

– Quer lembrar o estupro, então?

– Não! Não seja covarde, canalha. Deixe-me com aquele velho infeliz.

– Acho que já limpamos tudo. A paisagem, o barulho. Continue com a narrativa. Vou manter o sangue. Acho uma boa ideia. Você tem uma verve bem teatral, sabia?

– Se soubesse por dentro o que é um teatro, saberia.

– Você é engraçado. Prossiga.

– Veja bem: a mulher daquele velho me procurou, olhando para o chão. Disse que o odiava porque ele abusava das filhas desde muito tempo, e também ia com as empregadas.

– E isso o estimulou?

– Não, talvez refrescasse meu inferno, mas era tudo mentira dela. Ele era um homem de bem. Ela queria o dinheiro dele. Posso continuar?

– Claro, desculpe.

– Ela disse, também, que eu me cuidasse no serviço porque ele era vereador e fazendeiro. Mas só lembrei disso tempos depois. Da paga ao corte foi um fio. Ele era tão tolo que bati insistentemente no vidro, disfarçado de vendedor de confeitos, até ele abrir a janela. Rasguei-lhe o pescoço e o sangue escorreu pelo painel.

– Vê a mancha de vermelho?! Desce de cima do papel, e há borrifos em torno. Seu pedido foi ótimo. Destacou a dramaticidade. Mas, prossiga.

– É só isso.

– Só?

– Só. É simples assim.

– Ficção de merda.

– E sangue.

Revelação

Os órgãos estão, por assim dizer, impregnados de fluido vital que dá a todas as partes do organismo uma atividade geradora da união entre elas, e, no caso de lesões, restabelece as funções que estavam momentaneamente danificadas. Mas quando os elementos essenciais ao funcionamento dos órgãos são destruídos, ou muito profundamente desarranjados, o fluido vital é incapaz de transmitir o movimento da vida, e o ser morre.

(...)

Ao se reportarem ao seu corpo, essa sede lhes parece estar nos centros onde a atividade vital é maior, principalmente no cérebro, na região epigástrica, ou no órgão que, para eles, é o ponto de ligação mais intenso entre o Espírito e o corpo.*

** Epigástrica: referente à parte superior e central do abdome.*

O Livro dos Espíritos

Os cavalos acabaram de partir com Zilma.

O velho coronel entra em seu quarto, escurecidos, tristes o homem e o recanto. Embora não tendo nenhuma intenção de

suicidar-se, tranca-se, para em frente ao espelho do closet e aponta um revólver prateado para a cabeça.

Nesse exato instante as quatro paredes desabam e a voz de Maria Silva lhe vem, aguda, de um plano inexplicável de escuridão.

– João Batista Dias?

– Maria?! Por que não me chama de pai?

– Porque seu nome é João, e não pai.

– Mas, filha...

– Meu nome é Maria, e não filha.

– Ah, minha criança, eu tenho penado tanto! Não fale assim!

– Você merece.

– Mereço, mas não admito!...

– Não admite o quê?

– Não admito ter Deus criado uma dor tão imensa, tão diferente do que é a vida como nós a conhecemos, que...

– Besteira. Quantos pais sentiram a mesma dor por culpa de gente como o senhor e seus cavalos! E você não é Deus. Você tem a conta de seu passivo?

– Dezenas... Eu sei. Mas a vingança...

– É mesquinha feito essa dor que você sente; mesquinha de sincera!

– Por que você maltrata seu pai assim?

– Sei lá... Eu te amo tanto, papai; e sinto tanta falta do senhor, da mamãe, do tio Carlo, do tio Gabriel... Vingue minha morte e me purifique!

Cai o velho no chão, a arma rola e vai para debaixo da cama. Ele se arrasta e telefona para a esposa:

– Mulher, volte, estou passando mal...

O coronel acorda no hospital. Sua esposa está ao seu lado. Atrás estão Carlo e Gabriel.

Ele segura a mão dela e pergunta:

– Que foi que houve comigo?

– Ninguém sabe.

– Como assim?

– Os médicos disseram que, embora desmaiado e com as funções vitais enfraquecidas, e quase tendo morrido, você não tem problema nenhum. Fizeram mil exames em você e nada anormal apareceu. Expliquei aquilo por que estamos passando e eles disseram que pode ser estresse, ou, segundo um residente, a teoria do coração partido, a ciência da mágoa.

– Que teoria é essa?

– Tem médicos estudando umas ligações nervosas fortes entre o cérebro e o coração; parece que o coração da gente tem uma certa autonomia, pensa um pouco por si mesmo e conversa com nossa mente, entende? E nesse diálogo com o cérebro da gente ele pode entristecer demais e “desistir de bater”. A ciência tem cada coisa!

– Mas isso é sério mesmo?

– Seriíssimo. Segundo o residente, tem vários estudos acontecendo por aí fora. Mas esquece; descansa que você escapou por um triz.

– Eu me sinto bem. Aliás, estou ótimo.

Ele olha para os cavalos, que sinalizam novidades.

– Minha querida, você poderia nos deixar a sós?

– Claro. Lembre-se que você me deve umas explicações...

– Sem dúvida.

Os cavalos explicam que, esticando Zilma numa mesa rústica, foram descosturando sua aparência por uma meada de dor. Disseram que era trabalho fácil: bastava pegar uma linha solta que houvesse numa parte esfoliada e sair puxando. Narraram que o barulho do tecido se desfazendo era medonho, mas que os textos que havia debaixo eram bastante esclarecedores. “Em terra nova, chefe, a arqueologia do espírito é mais fácil, como disse o monge”. Às vezes era preciso coser um retalho de esperança, para ela não desistir de rever o pai, mas, cega dos dois olhos, Zilma não conseguia ver quanto já havia sido tosquiada. Depois foi só recolher a papelada e aplicar a lógica.

– Doutor, ela sofreu pra caralho. A gente só não matou ela de agonia mais lenta porque o senhor mandou ela morrer afogada. Quando ela disse tudo, botamos ela na rede e, agora, suas traíras devem estar beliscando aquela traíra gigante.

– E ela estava consciente?

– Claro. Esperamos bem duas horas pra ela parar de delirar!

– Quarenta mil vocês já têm. E os outros quarenta?

– Essa é a parte boa, meu chefe!

– Que foi?

– Veja bem: mandamos ela ligar pra ele, mas dava fora de área. Ela disse que ele já sabe que estamos atrás de pegá-lo, que ele ganhou o mundo e disse que ia jogar o telefone no lixo – portanto, o endereço do interrogatório está mais que descartado. A puta tinha mudado de celular também, mas o celular antigo dela estava na bolsa dela, desligado. Pegamos as ligações antigas e tinha uma ligação de uma tal de Rosa. A Rosa, segundo ela “diplomaticamente” nos disse, era o Bunto. Fora disso, ela não sabia de mais nada útil, além, lembrei agora, de uma conta de

banco “cavalo do cão” que ele usava pra movimentar dinheiro. Então fomos até aquele gerente da operadora de telefonia, o que lhe deve um favor, e ele me passou o histórico das ligações dela e de Bunto. Dentre as últimas ligações do safado há uma para um cara chamado Isael Caetano Suassuna, que, conforme o cadastro, mora em Brejo do Cruz, perto de Catolé do Rocha e São Bento, na Paraíba.

Interrompendo a explicação, e com feição de nojo e expectativa, Doutor indaga:

– Quanto ela pagou a ele?

– Ele cobrou dez mil reais pelo serviço, mas ela adiantou mais cinco para ele fugir. Portanto, se ele foi esperto, guardou grana e tem como se manter na entoca.

Com certo trago indignado, ele reindagou:

– Certo, mas e aí? Perdemos o canalha? Não vejo parte boa nenhuma!

– Não perdemos! E aí que o velho gerente jamais esqueceu o senhor, meu chefe, e não se limitou a esse favor. Nós já estávamos desesperando: o senhor aqui doente e Bunto na escuridão do mundo. Mas Deus é maior! Não sei como, nem perguntei, o gerente deu um jeito de descobrir que o telefone de Bunto está desativado, como Zilma disse, mas esse Isael continua falando com o mesmo telefone que recebeu a ligação de Bunto, e comentou com alguém lá da Paraíba que está dando cobertura a um chegado, mas não diz quem é ou onde está nem debaixo de tortura!

Gabriel interveio:

– E quando alguém diz isso...

Doutor completou:

– É porque não aguenta nem peteleco! (...) Mulher, venha cá!

– Que foi, João?

Cheio de ternura, Doutor alisou o rosto da esposa e disse:

– Arrume suas coisas e vá para a Fazenda Formosura, nome que dei em sua homenagem! Já estou de alta?

– Sim, acabei de falar com o médico.

– Ótimo, me espere na fazenda! Não demoro, minha rainha (e lhe beijou as mãos).

– Você está bem, João?

– Vá, minha querida. Quando eu voltar você pergunta tudo, e eu falo tudo. Por agora, confie em mim!

– Está bem...

Ela se foi. Doutor saltou da cama e abriu os braços. Rejuveneceu dez anos. Olhou para uma enfermeira e sentiu enorme desejo por ela – não houvesse a presença dos cavalos o contido e ele seria capaz de forçá-la ali mesmo, no chão ou no leito. Tomou banho, fez a barba, perfumou-se, vestiu-se velozmente, agarrou-se a umas flores que estavam no criado-mudo e saiu, galante e cantador, a oferecer rosas amarelas pelos corredores afora.

A teoria da mão

Expressão é o relato do que foi apreendido na percepção e gravado na memória.

No exame da expressão, devem ser consideradas como possíveis causas de prejuízos: as omissões, os exageros e as deformações verbais.

Coriolano Nogueira Cobra

- Bunto?
- É você de novo! Arre, espírito!
- Não sou espírito. Esta não é uma obra clássica, nada grega, nem inglesa. Este é um livro brasileiro.
- Arre, encosto!
- Encosto...
- Que você quer?
- Peça a seu escritor para falar sobre a teoria das mãos. Peça a ele mais essa força.
- Grande merda é um escritor! Es-cri-tor! Não é uma pessoa, saca? É só um burocrata de um escritor, enganador dos outros! Eu é que sou uma pessoa!

– Realmente. Mas aqui não podemos colar imagens, lembra? Você pensou isso das mãos há muito tempo, mas foi uma ideia originalíssima! Não podemos perdê-la por falta de expressão.

– Vai: “Dizem todos que os olhos são os espelhos da alma. Mas há equívoco aí. Há equívoco porque, nos tempos de hoje, é demais em sutileza esperar-se que se entenda a alma por pupilas e retinas que rebrilham os seus mistérios feito espectros no ar, onde uma alma vizinha os apanha como um caçador de borboletas e os entende como um tradutor de mandarim. Não. Hoje em dia a mão é que é o espelho da alma. A mão, aracnídeo mutilado e flutuante, é quem, em sua mecânica, em sua mímica, diz algo assimilável pelos corações duros. Descobri isso quanto atirei numa mulher adúltera, por encomenda do marido. Não vi drama em seus olhos, embora, claro, eles estivessem chorosos e esbugalhados, num canto de motel, onde jazia, já virado em coisa, o corpo do amante. Mas as palmas de suas mãos, assim abertas para mim como impactantes placas de trânsito de enormes negações, que tremiam e distendiam os dedos, e que humanamente falavam coisas despalavradas, me esfregavam intensa dor no rosto; no entanto o rosto dela nada expressava, nem pelas lágrimas nem pelos gritos nem pela deformação dos lábios babados. Quando apertei o gatilho o projétil perfurou a palma da mão e entrou por um olho. Ela caiu. A mão baleada ficou em decúbito ventral, enquanto a outra se contorcia levemente, como sendo arrastada pela morte por último; como se tentasse agarrar-se, pelos dedos, à vida, mas deslizando pelo carpete e cedendo, enfim, ao inevitável. Quis disparar novamente, mas quando olhei para minha mão direita, abraçada ao punho da arma, dura e prestes como um soldado, senti que ela cumpriria o comando, mas que

se macularia pela lesão a mais, porque já tinha em si a dor do fato consumado – nesse instante percebi, para meu espanto, que minha mão esquerda, sem que eu notasse, me apertava o peito a quase arrancar-lhe os pelos. Volvi a arma à cintura, enfiei as mãos nos bolsos, olhei rapidamente para as quatro mãos assassinas em torno de mim e, um tanto zozno e febril, voltei para casa e dormi por doze horas consecutivas”.

– Fantástico. E qual a consequência prática disso?

– Você me enoja. Fantástico é o caralho! Sangue e merda novamente, e você se deliciando!

– Prossiga. Deixemos a vulgaridade de lado.

– ...a consequência é que, depois disso, dei preferência a execuções com vítimas de mãos amarradas pelas costas. Se der, eu uso luvas.

– E se não der?

– Vai conforme a conveniência.

– Fantástico.

Via Norte – o anfitrião

*Se eu calei foi de tristeza
Você cala por calar*

Zé Ramalho

Na cidade de Brejo do Cruz, onde Zé Ramalho sofreu, há uma imensa pedra de turmalina, montanha bela e rústica aos pés da qual as casas rezam, as poucas e penitentes casas da pequena cidade sertaneja. Aos pés dessa gigantesca elevação rochosa há uma usina têxtil desativada. Rente à base da pedra, entre a usina e a rodovia, no entanto, pode-se ver um enorme segmento de tecido vermelho, estendido nos arames de uma cerca, que os habitantes pensam ser de alguma tecedeira do local, mas que nada mais significa que um trecho do videoclipe da dor do compositor ante a visão do pai morto – só porque o tecido está sempre de um rubro aceso e gotejante não significa que o estão substituindo noite a noite, mas que a voz que o anima permanece viva.

Quando a madrugada desponta, ouvem-se as primeiras máquinas de tecer trabalhando. De São Bento até lá há como

uma comunicação de máquinas, que vão batendo seus metais, juntando fios e compondo redes, mantas e outros derivados, numa marcha inesgotável de várias centenas de máquinas co-sendo milhões de tramas que se repetem em peças idênticas a olho nu, e que se harmonizam em volume e nitidez aos fios amarelos com que o Sol, em sua matinal clemência, tece a malha da antemanhã. Fora um gado magro e um emprego público, é quase só disso que se vive por lá: tecelagens de quintal. Dir-se-ia, se inspiração houvesse de combinar com toda essa desgraça homicida, que é um retrato da própria marcha da vida: fios soltos, trama antevista, coisa feita; fios soltos, trama antevista, coisa feita...

Às cinco e meia da manhã, Isael Caetano Suassuna deixa sua pequena fábrica de redes, vizinha de cinco outras, atravessa a rua e vai a um balcão.

– Bom dia, Isael (diz a atendente).

– Bom dia, Fátima. Vê aí um cuscuz e uma mão de vaca e um pão com queijo, que tô desde as três da manhã lutando com os panos. Hoje mãe viajou e não fez meu prato. Ah, e café com leite também.

– Trabalhando dobrado?

– Tô terminando a casa, né?

– E o casório?

– É pra dezembro!

– Bom menino. Você é um bom exemplo. Por que esse povo da sua idade só pensa em cachaça, hein?

– Não sei, Fátima. Sei que meu avô me ensinou a ser um homem. Aprendi que se eu não me der ao respeito, ninguém me respeita; se eu não respeitar minha casa, ninguém respeita.

Outro dia até ligou um amigo corrido, que fez besteira lá numa capital, pra eu ajudar.

– O que ele fez?

– Mexeu com mulher casada!

– Mesmo?

– Sim; ele me disse que era divorciada, mas o ex era ciumento. Mas eu não sou besta, né? Vou engolir uma dessas?! Era mesmo casada!

– E o que você fez?

– Dei uns conselhos, disse que ele se desse ao respeito porque senão ninguém respeita, e que respeite a casa dos outros, e a sua própria casa, pra ela ser respeitada!

– E que ajuda ele queria?

– Só conselho... Somente.

– Ah, tá.

Ele come e sai, atravessa a rua, para para brincar um pouco com umas crianças que jogam futebol, e segue para trabalhar, coisa que faz com leveza, doze a dezesseis horas por dia, sem pensar que trabalha feito um escravo, mas que constrói um remanso para morar com uma mulher direita.

O comprador de ilusão

Carlo Magno Santa Cruz está em casa, malas prontas para ir ao sertão um pouco antes de amanhecer.

Chegou do hospital em que visitara Doutor, possuiu a esposa com devassidão, depois a olhou e disse:

– Odeio sua mãe, mas só a ela confiaria você, mulher, coisa sem explicação. Ela também me odeia, porque me viu, de garras prestes, arrancar você no ninho e afundá-la numa atmosfera de sangue e intensidade. Por isso, porque o ódio a mim fará com que ela, folha seca em forma de vestido, distancie você do mal, sabendo ela bem (embora a contragosto), no espírito e método de ter me conhecido, o que é o mal, eu viajo tranquilo.

– Amor, homem terrível, razão da vadiagem que me levou à loucura, diga-me: seja lá o que vocês vão fazer, que presépio, que túmulo, que dissecação; seja lá o que for, por que você também, como o coronel, não tem essa missão por derradeira?

– Porque ele se chama João Batista Dias, e eu me chamo Carlo Magno Santa Cruz. Se eu deixar de ser quem sou, perco o medo por mim, e perco você de volta para sua mãe.

– Claro que não!

– Olhe para mim e me diga a verdade, ou será que a só perspectiva de me ver castrado da pistola já lhe atíça ousadia contra minha autoridade?

– Desculpe. Eu acho que não, mas não estou certa. Posso amar, também, um homem bom. Não será talvez o deleite de vê-lo entrar pela porta andando, contra as possibilidades do ofício; ou tampouco a de ser tocada por suas mãos destruidoras de vida, e morrer também por um momento, depois renascer na delícia. Nem talvez seja, assim, esse gosto de apanhar e ser currada, e virar uma mulherzinha desclassificada e vingativa quando lhe abro as pernas e sinto como devem sentir os que têm, sob seu poder, uma extensão de sua vida dentro de si (...) Ah, vem de novo, Carlo!, faça o que quiser, da minha vida, da vida dos outros...

Depois da mulher novamente possuída, e ida, Carlo sentou-se, acendeu um cigarro e pensou em nada. O tempo passou, outros cigarros, o mesmo nada. Deitou-se. Uma insônia brutal o assaltou. De repente:

– Carlo?

– Quem é?

– Uma voz íntima. Uns me chamam de espírito, outros de memória, ou encosto...

– Eu lhe chamo de viado. Que você quer?

– Não sou veado, porque não sou homem nem mulher. Sou o Eu Poético dos bandidos...

– Puta merda, que frescura! Só me faltava essa. Café também deixa a cabeça da gente baratinada... Que você quer?

– Que você me conte uma história do passado. Combina com isso de você amanhã viajar para a caça, entende?

– Tá bom, só assim me dá sono. Qual você quer ouvir, seu fresco de merda?

– Aquela dos vendedores; mas quero ouvi-la com poesia, e não com essa linguagem bruta!

– Sinto muito, mas despejei, duas vezes, a poesia que eu tinha dentro da minha mulher.

– Convoque um escritor!

– E escritor sabe lá de porra nenhuma!

– Puxa-vida, seremos ultrarrealistas, então?

– Meu querido baitola, tudo é realista. Não tem essa de ultra, ou pouco, ou nada realista; tudo é realidade!

– E o que você me diz dos poetas, das abstrações, da música?

– Várias janelas olhando para a mesma merda de paisagem.

– Poxa, a gente aprende muita coisa com vocês!

– Quer ouvir a história ou vai ficar nessa frescura?

– Tá, diga.

– Um dia, quando eu trabalhava na Roubos e Furtos, recebi um informe...

– Imagino como deve ser: lugar roto, cheio de marginais, totalmente *noir*!

– É uma delegacia, cacete, como outra qualquer! Escuta só: diziam que havia cinco ladrões numa pousada, com mercadorias roubadas. Fomos até o local e, realmente, estavam os caras lá, cheios de dinheiro e sacolas. Levamos os cinco pra base, pegamos um deles e penduramos no pau de arara...

– Para quê?

– Pra ele se balançar!!! Que pergunta da porra! Pra ele dar tudo direitinho né, frango? Quem seriam as vítimas? Havia mais comparsas? Tinha mais coisa roubada por aí? Etc.

– Entendi.

– Veja bem que o cara naquele negócio fica com a coluna exposta, tá ligado?

– Sim.

– Pois bem... Daí o Cara de Bode, que estava puto porque o cara não confessava nem a pau, marcou carreira e chutou as costas dele. Mas nada dele falar. Ele lá, todo arreventado e jurando inocência! Como já estava tarde, decidimos continuar na manhã seguinte. Mas, de madrugada, ligam pra minha casa dizendo que o cara estava mal, gemendo, se cagando e se mijando todo. Levamos o safado ao hospital e constataram que a coluna dele estava rompida; o cara ia ficar aleijado! Pra piorar, recebemos informação segura de que não eram cinco ladrões, mas cinco vendedores!

– Minha nossa! E que você fizeram?

– O que você faria, maricas?

– Me matava!

– Foi quase isso: tivemos que matar os cinco.

– E mataram?

– Com certeza.

– Meu Deus, o inocente pelo pecador! A vida imita a arte!

– Viadinho, sou ignorante, mas não sou burro: a arte é cria da vida, como pode a vida imitar uma coisa que ela inventou?

– Sei lá...

– Boa noite...

Via Norte – as visitas

Doutor está na varanda de um quarto de hotel em Patos da Paraíba, tomando uísque com Gabriel e ouvindo serestas antigas. Haviam chegado na tarde anterior. Inspiradíssimo, o coronel fala do passado, de coisas e namoradas de sua juventude. Exalta a qualidade dos cantores de antanho, que se bastavam a si mesmos sem recursos digitais de afinação ou amplificação.

Gabriel, em cuja cabeça trombam melodias de ferro, devaneios de raves e bregas rasgados dos cabarés, ouve tudo com muito respeito, mas sem entender palavra.

Doutor passa pelos velhos carnavais e reverencia a cidade do Recife, de alma bela e tradicional, que mantém acesos os maracatus, os frevos, os caboclinhos; a instrumentação, enfim, de amor e brincadeira de desde sempre.

Mas, nalgum ponto de imaginação, encontrando-se os olhos dos amigos a brindar, tudo se mistura em percussão de frevo e solos de *rock and roll*. Aí sim, num momento exato de embriaguez, depois de seca a primeira garrafa, é que o discurso se afina, e que ambos viajam em igual delírio: um cantor de voz potente chutando alfaias e atirando contra um rei de maracatu; depois, torturando um calunga e esfaqueando o arlequim, abre caminho

por um bloco de papa-angus. Em seguida estupra e mata uma rainha de bloco, enquanto, embalado por uma batida eletrônica, um DJ solta, em hip-hop, o contracanto da narrativa da história pobre e desgraçada do tecladista mexicano que teve a família assassinada e, enfiando uma metralhadora em capa de violão, peregrinou no deserto e vingou-se de uma quadrilha de trinta rappers mafiosos. Depois, cortinas caindo, resta uma cantora de MPB que, juntando retalhos de canções alheias, espirra lugares-comuns sobre a plateia, siderada e febril (a cantora) ante o aplaudidíssimo *grand finale*.

A porta do quarto se abre e bate.

– Quer dizer que, enquanto eu trabalho, vocês enchem a cara!

Gabriel e Doutor olham para Carlo e caem no riso porque ele chegou com uma enorme barba postiça, óculos escuros Stallone Cobra, chapéu de couro, calça branca, alpargatas e uma camisa roxa e justa, cuja tintura imitava couro de cascavel. Ele pega outra garrafa. Senta entre gargalhadas eufóricas. Enche três copos, acende um cigarro e espera. Lágrimas descem pelos olhos de Doutor e de Gabriel, que só faltam cair das cadeiras de tanto rir. Mas o riso cessa súbito, e Doutor pergunta:

– E então?

Jogando o chapéu para trás e alisando a barba postiça, em gesto cômico que fez abrir nova alegria, Carlo diz:

– O sujeito tem uma pequena fábrica de tecelagem. Me disse que mora em frente dela, no mesmo endereço do cadastro da telefonia. Eu cheguei por lá às quatro horas da manhã e ele já estava todo suado, trabalhando; precisei nem campanar. Deve sair de casa por volta das três e meia. É novo, tem cara de menino mesmo. Não havia nenhum funcionário com ele naquele horário.

Gabriel atalha:

– Moleza, uma verdadeira mangaba.

Carlo continua:

– Conversei com ele, comprei uma manta pra enrolar seu cadáver e tal. É gente fina. Amanhã, no escuro, a gente pega ele de boa.

Doutor pergunta:

– É desconfiado?

Carlo sentencia:

– Meu chefe, ele é o que a gente chama de tabacudo, aluado, tabaco-leso, babaca, sem-noção, mané da minha tia etc.

Disse, ajustou os óculos, botou o chapéu rente à testa e cruzou as pernas; encostou uma mão na cintura e ergueu um brinde, fazendo os copos tilintarem num toque geral e gargalhante.

Feito Judas, traidor

*Sou um homem comum
de carne e de memória
de osso e esquecimento.*

Ferreira Gullar

Bunto, noite funda, pensa, no oco de sua rede:

– Tudo calmo, como deve ser. Mas eles que se cuidem porque sou ferido da alma, não dos reflexos. Ainda sou alguém que oferece perigo, principalmente se a hora derradeira aparecer. É como diz o cientista: o bicho acuado ataca a fera que o confronta, não importa o tamanho dela. Ainda arranco fruta pelo talo de tiro ligeiro, sem quase fazer mira. Ainda danço de faca pelo vento, retalhando carne, decepando orelha. Ah, meu nome não mudou! Essa tristeza, ela sim, me mata e não se arranha, mas esses homens do Diabo, para me levar, têm de deixar um antecipado...

Longe dali, Isael Caetano Suassuna está sentado na privada, com uma tremenda cara de sono estampada. Limpa-se com lentidão, aciona a descarga pela corda, levanta-se e sai de volta para

o quarto, mas mal deita e o despertador toca. Volta a levantar-se, sonolento. Molha o rosto queimado de sol, fazendo conchas com suas mãos calejadas (a direita com aliança no dedo, comprada a prestação), depois escova os dentes. Veste uma camisa surrada, um par de tênis velhos, pega um molho de chaves e sai para o trabalho.

Quando pisa na calçada, uma caminhonete encosta.

– Isael, lembra de mim?

Na janela, sorridente, um homem barbudo, usando chapéu de couro, acena amigavelmente. Isael encosta na porta do carro e aperta o antebraço do sujeito.

– Olá, meu patrão! Veio comprar mais, não foi? Eu disse que o produto era de qualidade!

– Na verdade, vim trocar a manta, que veio com problema. Vê aqui!

Ele se pôs a examinar o tecido, olhar agudo, preocupadíssimo, mas sem achar defeito. Enquanto o fazia, sentiu um cano de pistola lhe tocando a nuca. Ato contínuo, a mão que tateava o tecido foi algemada. Ele paralisou de pavor.

– Isael, isso é um assalto. Nós só queremos o dinheiro. Se acalme e sai tudo bem. Entre no carro.

Rapidamente, pensou que respeito é tudo, e que se se respeitasse os assaltantes tudo sairia bem.

– Tudo bem, tudo bem. Calma, pessoal, vou fazer tudo o que vocês mandarem...

Gabriel o conduziu ao banco de trás, onde estava Doutor. Sentou-se ao seu lado e o manteve no meio. Algemou-o pelas costas e o encapuzou. Carlo saiu, acelerando discretamente. Mais adiante, estacionaram a caminhonete numa estrada de barro,

desvendaram seu rosto (que estava lívido e acriançado) e o interrogaram.

– Isael (disse Doutor), você quer sair daqui vivo, não quer?

– Quero.

– Então diga onde está o Bunto, é só isso que queremos.

O assalto foi só pretexto.

– O senhor deve ser o marido da moça, não?

– O quê?

– Senhor, eu acho que ele lhe faltou com respeito, mas não tem outro jeito de resolver?

Doutor, com voz subterrânea, disse:

– Faltou com respeito?

– Sim, não devia mexer com mulher casada, eu disse a ele que respeito é o principal. E vejo que o senhor é um homem de respeito. Ele deveria ter pensado duas vezes!

– Seu abestalhado, ele matou minha filha; estuprou e matou!

Isael se tremeu todo, e começou a mijar nas calças. Não tivesse defecado há pouco, também se cagara.

– Ele mentiu pra mim! Disse que era coisa de chifre! É meu amigo de infância e me botou nessa...

– Tudo bem, garoto, acreditamos em você. Mas você tem de nos levar aonde ele está, e digo mais: tem de dar um jeito dele não notar nossa chegada.

– Tá bom, mas vocês têm de confiar em mim!

Carlo, pelo retrovisor, sorriu ironicamente para os comparsas.

Isael disse:

– Andem ligeiro, antes que amanheça!

Pararam a caminhonete num sítio abandonado, desceram.

Isael os conduziu à vacaria, pegou um sino de gado que lá estava dependurado, pendurou-o no pescoço e os chamou em guia, a pé dali por diante.

Carlo o deteve pelo braço e sussurrou:

– Que porra é essa? Você tá maluco?

– Senhor, isso é pra não levantar suspeita quando a gente encostar...

– Como assim?

– O barulho que a gente faz acorda os cachorros, que acordam as pessoas. Mas, se o som dos passos é casado com o do sino, todo mundo pensa que é cão latindo pra boi passando, ou carneiro, ou bode, e nem liga...

Carlo olhou para o coronel, que fez um gesto afirmativo e murmurou:

– Para um idiota, está muito inteligente.

Puseram-se os quatro a caminhar pela madrugada sertaneja, ouvindo aquele sino bater sua balada tristonha, que para Isael era gado, para Carlo e Gabriel era aviso de premiação, e para Doutor era langor de cortejo fúnebre.

Avistaram a casa, alta, escura, pousada na pedra.

– Ali está (disse Isael).

Amarraram-no a uma árvore, de algema a mais, por garantia, e o amordaçaram.

Gabriel passou o sino pelo pescoço e seguiram.

Bunto ouviu o badalar, revirou-se na rede, semiacordado, maldisse o desgraçado daquele bode inconveniente e voltou a dormir.

Os três cercaram as saídas de frente e fundos e deram uma entrada tão certa que Bunto só caiu em si já de peito no chão, algemado e quase amordaçado.

– Peguem o garoto e o tragam até aqui. Encostem a caminho-
nete na casa, mas sem alarde.

Bunto, amarrado e em mordanças, estava sentado em cima na mesa, ora posta na sala. Doutor olhava-o e chorava, despejando pedaços de retratos da filha, cuspiendo cacos de vidro que acreditava terem acabado, vomitando aquela presença dolorosa da menina ausente. Lamentava pela existência diante de si, o parto maldito que o engendrara, e em lapsos de incredulidade perguntava de si para si se realmente era chegada a hora.

Bunto chorava também, e não de medo só, mas de comoção sincera e arrependimento, tentando fazer ver que ambos eram, por assim dizer, amigos, por terem inimigo comum: o monstro. Ensaiou dizer que, de lembrança ainda que breve, amava Maria, poderia casar-se com ela, dar filhos e netos ao coronel.

Os cavalos voltaram com Isael.

– Passem o torniquete nesse coitado. Façam rápido, que este entrou de gaiato.

Gabriel enlaçou o pescoço de Isael, armou a haste de madeira e começou a estrangulá-lo, parafusando a corda que fez de um rasgo da manta que o próprio coitado confeccionou. Enquanto Isael morria, ouvia explodir em sua cuca o barulho de inúmeras máquinas de fiar, que depois pôde ver, e eram enormes, do tamanho da pedra de turmalina da cidade em que nasceu; as engrenagens eram fortalecidas por imensas catracas besuntadas de graxa vermelha, e se pegavam numa energia sobrenatural. Ao fim, os rangidos cessaram e um acordeom solou a marcha nupcial, afastando-se na caatinga até desaparecer.

– Tirem as calças dele (disse Doutor). Posição ginecológica!
E pegou um alicate. Apertou um dos testículos de Bunto, lentamente, sentindo os tecidos romperem.

Bunto gania, babava e mordida o pano, o nariz escarrando, as veias em ponto de explodir.

Enfim uma minúscula implosão, mais uns apertos e o saco restou flácido, espalhado, como se estivesse com grãos de milho pela metade.

Bunto chorava, amaldiçoando o monstro, que ainda não dera as caras, que aquilo era para ele!

Era a vez do segundo testículo, e Bunto rezava para que o monstro fosse dono deste, para que também sentisse a agonia de seus atos. Mas nada da fera; só o pistoleiro, agonizando, lamentando existir vida sobre o mundo.

– Retirem a mordaca e sentem esse patife. Bunto (disse o Coronel), por que estuprá-la? Por que matá-la, pra começar, desrespeitando o meu passado?

Bunto, oscilante entre dor e palavra, abriu o peito:

– Sou matador, coronel, e ainda que fosse o senhor a vítima, se dessem o preço, eu mataria.

Meio afônico e injuriado, o coronel pergunta:

– E qual seria meu preço?

– Agora, na inativa, uns vinte mil. Antes, passava de cem.

– Pois pode voltar para os cem!

Arrancou uma unha dos pés de Bunto, depois outra, e mais outra, até terminar com as dez.

Bunto, já quase anestesiado, fingia dor maior na esperança de ser logo morto.

– E por que estuprá-la?

– O senhor não vai entender...

– Mas quero ouvir.

– Quando eu apontei a arma pra ela, ela botou a mão rosto, pedindo que não atirasse na cara – coisa de mulher. Apontei pro tórax, mas ela levou a mão aos peitos e protegeu eles. Ela tinha mãos brancas e lindas! De repente, senti um fogo me queimar, perdi o controle. Senti um desejo, uma coisa que era mais forte que eu, e avancei para ela, fiz o que fiz, saquei a faca e é isso. Mas me arrependi, não sei onde estava com a cabeça... Não era eu, coronel, juro que não.

O coronel arrancou-lhe todas as unhas das mãos, depois lhe quebrou dois dentes. Mas Bunto já não sentia dor, nem fingia sentir. Quis dizer que o caso não parara por ali, narrativa incompleta: que teve a impressão de reciprocidade, pois sentiu os músculos vaginais de Maria Silva se contraindo loucamente durante o coito forçado, mas silenciou, já nem tinha pulmão, nem língua, nem garganta que proferisse som de palavra.

Gabriel volta de ter enterrado Isael no chiqueiro.

– Pense numa terra dura, quase não consigo! Ei, tem uma moto lá, vamos ter de desovar ela por aí!

Carlo e Doutor olhavam para Bunto, sobre a mesa, semivivo.

– Gabriel.

– Senhor?

– Pegue uns pneus e a corrente que estão na mala da camionete; no lugar, bote a moto.

Mandou acorrentarem Bunto na mangueira, em galho alto, e seus pés ficaram a uns dois metros do chão.

– Doutor, vai chamar atenção! Já clareou!

Advertência que passou batida: Doutor estava em transe.

Ateou fogo aos pneus, entrou no carro com seus cavalos e parou na estrada, em frente à cena, de binóculo na mão.

Os pneus começaram a irradiar fortes ondas de calor, que iam cozinhando os pés de Bunto, descolando seus tecidos e, à medida que a combustão aumentava, chegavam às coxas, órgãos genitais e abdome.

Delirante de uma dor que, feito pássaro cativo, voava de espanto e pousava novamente, o pistoleiro agonizava e se debatia. É uma morte lenta, que faz a vítima desmaiar e reviver para a expiação várias vezes.

Quando o calor começou a lhe torrar os pulmões, e ele viu que já não pertencia mais à vida, achou que a cara do monstro enfim se apresentaria: mas nada, nem dentro nem adiante de si; nada do monstro.

(...)

Ao volante, atento a uma infindável estrada em linha reta, Carlo diz.

– Pronto, chefe, missão cumprida. Tudo limpeza. Cem por cento. Sem rastro.

Doutor saca uma valise do porta-luvas e a entrega a Gabriel.

– Aqui estão. Oitenta mil: um presente pequeno perto do que vocês me deram.

– Obrigado, chefe. Faríamos a troco de nada.

– Sei disso. Sabem, Carlo e Gabriel, sei de um puteiro de alto nível que fica em Campina Grande. Correram juro, lembram?

Os cavalos sorriem.

– De lá deixo vocês na cidade e parto pra Formosura. Chego ainda antes de amanhecer. Ou vocês estão cansados?

– Meu patrão, essa adrenalina leva ainda uns dois dias pra baixar!

Era momento de desacelerar, mas o cavalo afunda o casco no motor e a picape, animal mítico e baixeiro, perde-se no horizonte.

Romantismo em turvas águas

*Nada se perdeu
nem jamais se perderia
neste homem que de novo se formou.
Algo duro nele se passa
e em seu trajeto se passou,
quando indo do canto à palavra
a si mesmo ultrapassou.*

Affonso Romano de Sant'Anna

Doutor saca o celular:

– Mulher, chego aí antes de clarear. Acorde cedo!

A madrugada virava dia na Fazenda Formosura. Na cozinha, a esposa de Doutor preparava um café forte, ao lado de cuscuz, carne de sol, guisado de galinha velha, macaxeira cozida e doce de leite.

O halo da estrela-mãe despontou gradualmente pela janela, entre o céu e uma jaqueira, iluminando o rosto materno e desenhando, com nitidez de só apagar as pontas, numa jaca um feto silencioso, de umbilical robusto.

O rosto materno fitou o fruto e iluminou-se de ternura; o perfil feminino foi amorosamente contemplado pelo pai da filha morta, que vinha do corredor.

As mãos enrugadas abraçaram a mulher pela cintura de cinquenta anos de idade, uma cintura agora bastante delgada, de pouco comer nas últimas semanas, e a boca de bigode elegante beijou na nuca os cabelos cheirosos a fronha e fragrância.

Uma ereção roçou as nádegas quentes sob o vestido preto. Encabulado, o macho viril desguiou e foi sentar-se à cabeceira.

Fazendo que não se deu conta, a mulher de mãos amorosas serviu os pratos, sentou-se à esquerda do marido, encheu as xícaras e levou a sua à boca, num ar esquivo de pensar rente à mesa que a clareou de uma beleza desconcertante.

Comeram calados, trocaram-se (cada um em um aposento diferente), entraram na caminhonete e se dirigiram ao açude maior.

João Batista levou os petrechos de pesca ao barco, depois segurou a esposa pela mão e a fez sentar de frente para a proa. Ancorou na parte mais funda e, enquanto preparava as iscas e os anzóis, sentiu pelas narinas o cheiro doce do dia cedo, mais completo porque parara de fumar desde a tarde anterior, e pretendia não voltar jamais a fazê-lo.

Cautelosamente, lançou uma linha e passou o molinete à mulher, que debruçou o olhar para a água. Depois lançou também a sua isca, no lado oposto, e declinou, ele idêntico, os olhos para a água que lhe cabia.

Rompendo o silêncio, mas sem descolar os olhos do açude, a mulher pergunta:

– E então, João, como foi que a coisa se deu?

– Zilma estava com ciúmes de Maria, por causa de um namorado que disputavam. Então ela contratou um pistoleiro e mandou matá-la. O estupro foi por conta do canalha. Os dois estão mortos, mas sofreram o diabo antes de se acabarem.

– João, você é tão esperto pra umas coisas, mas tão ingênuo pra outras!

– Por quê?

– Aquela menina era lésbica. Sempre notei essa inclinação nela. Não tenho dúvida que ela fez o que você diz, mas a razão deve ter sido outra.

– Eu sabia, desculpe; o ciúme era de Mariazinha mesmo, que não quis coisa com ela. Queria lhe poupar de certos detalhes sujos.

Silêncio absoluto. Ambos continuam atentos às linhas. No reflexo das águas vê-se, do céu abaixo, um painel com todas as passagens do livro que ora termina, correndo de nascente a poente numa sequência resumida e intensa.

– Mulher...

– Sim?

– Acho que ainda tenho fôlego pra lançar aquele disco...

– E sabe o que tenho pensado, e até andei estudando?

– O quê?

– Mesmo com certo risco, uma mulher da minha idade ainda pode engravidar... Depende de meu marido, um velho sem-vergonha que me tirou de casa com dezoito anos de idade, tendo ele trinta e cinco.

Riram. A linha de Doutor recebeu um sopapo, depois outro repuxo forte, fundo abaixo. Ele travou o movimento, rebolou a vara à retaguarda e puxou para cima uma traíra enorme, gorda, que se debateu no casco e depois parou, ofegante e apavorada, como a olhar para o casal, que finalmente estava de olhos nos olhos.

– Veja, mulher, que traíra grande!

– É um peixe lindo!

– Mas é um predador terrível, sabia? Devora os outros peixes, não deixa nada no açude, só sua raça amaldiçoada...

– Mas ela não é peixe também, ora essa!?

– Sim, mas é muito espinhenta, a infeliz; é dura de engolir!

Suspenso por um segundo, Doutor sorriu pelo canto da boca, levantando o lado esquerdo do bigode.

– Tá rindo de quê, João?

Com ódio e alegria, ele diz:

– É um peixe espinhento, mulher, mas se a gente arranca a cabeça e espreme só a carne, só a carne mesmo, extraindo dela as espinhas perigosas; se a gente pega ela com as duas mãos e tem o método certo de sacar pelo rabo ou pelo lombo da desgraçada a coluna vertebral, rasgando com nervos e tudo, a gente come o filé de olhos fechados. E é uma delícia tão grande que se o sujeito não tiver cuidado morde até os próprios dedos...

Ocaso em 3D
(extras)

*Direi apenas que o pintei com horror, mas
pretendi, custasse o que custasse, superar
minha repulsa e, sufocando todo sentimento,
me manter fiel à natureza.*

Gogol

(As catracas púrpuras, engrenadas no cérebro do atirador que deflagrou a vinheta desta obra, giram quatro tiques)

Maria Silva, debaixo das raízes, apodrece mais rapidamente que os cadáveres vizinhos, pois seus tecidos estranhamente conservam mais calor e umidade que todos, o que excita os vermes num profuso banquete de dentadas entre Padres-Nossos – sua rigidez cadavérica, além do mais, foi entrecortada de espasmos sexuais que lhe romperam os tecidos e os fizeram mais convidativos ao apetite.

(Giros e tiques fazem o atirador piscar os olhos e devolver a arma à cintura)

João Batista possui a esposa sobre a cama ancestral da Fazenda Formosura. Dentro de seu fígado um câncer cresce, silente e irrefreável, acalentando por uma das mãos de seu coração. Se, por esta mão, o coração o mata, pela outra lhe encanta o cérebro e levanta grandes sonhos, estimulando-o a amar e a cantar – no plantão do hospital, o residente teórico e romanesco joga xadrez sozinho e lança um xeque-mate contra o próprio rosto.

(As catracas púrpuras, azeitadas e justas no cérebro do pistoleiro, giram novamente e articulam seu pescoço de modo que o crânio, de olhos frontais como os de qualquer predador, olhe para a vítima caída no chão)

A esposa de Doutor, ovulante temporã e remoçada, é emprelhada por um espermatozoide ogival velocíssimo, que por pouco não atravessa a célula-mãe de lado a lado.

(O crânio do assassino, focando o recém-cadáver, registra, numa fração de segundo, um prontuário da execução: entrada, saída, queda, transeuntes, sangue, massa encefálica, hora do fato etc.)

Bunto, gravado agora em um homem de carbono, espreita, entre rochas e correntes, a aparição do monstro, que não virá jamais.

Isael Caetano, em posição fetal, usando gravata de algodão, mumificado pela ausência de umidade, procura sem cessar um defeito na manta que fabricou: se na trama, se no tingimento, se na matéria-prima.

(Depois, em grande sincronismo mecânico, as catracas aceleram suas engrenagens e levam o investigador Carlo Magno Santa Cruz de volta ao carro, onde seu amigo Gabriel Conceição o espera em ponto morto, configurando o telegrama que passará

ao cavalo-chegado quando, dali, se sentarem para beber no beco dos vitrais: Serviço fácil. *Foda foi o caso do coronel.*)

Zilma, que ouviu com muito entusiasmo um barco parar acima de si, levar um peixe à tona e depois partir, agora sente bastante tédio, mas não apresenta remorso que seja.

(O projétil, que, na vinheta deste livro, rebateu no poste de concreto, tomou forma de cogumelo e, expandido no espaço junto com sangue, chumbo, pó e fragmentos ósseos, fez surgir do nada o nome Catracas Púrpuras, agora cai no chão, em três quiques, que devemos observar com atenção, pois o primeiro, mais forte e de cabeça, faz levantar a letra **F**; o segundo, agudo e de quina, suspende a letra **I**; o terceiro, de baque fundo e deradeiro, faz tremer um **M**, ao lado da qual para em ponto final.)

Este livro foi produzido
na cidade do Rio de Janeiro
pela Fundação Nacional de Artes – Funarte
e impresso na gráfica Walprint em 2012
com arquivos fornecidos pela Funarte.

O projétil, nave de chumbo com astronauta remoto, gira e perfura o ar, como uma broca, preciso e espiralado, desfazendo-se de resíduos e fogo e fuligem e som, purificando-se a girar linearmente até entrar pela nuca de um homem cujos olhos só se esbugalham de susto quando o projétil já lhe extrapola os tecidos pelo orifício de saída.



Este projeto foi contemplado com a Bolsa Funarte de Criação Literária de 2010

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA